

INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA
CURSO DE EXTENSÃO – FILOSOFIA DO HOMEM
NOTAS DE AULA

**PROF. LUCIANO MENEGALDO – Seção de Engenharia
Mecânica e de Materiais SE/4
e-mail: lmeneg@ime.eb.br**

Maio de 2007

“Éste es un sermón que hay que estarlo predicando a diario —y por mí no quedará— en aquellos países, entre aquellas gentes donde florece la sobreestimación a la ingeniería con desdén de otras actividades.”
Miguel de Unamuno, *Mi religión y otros ensayos*, 1910.

Módulo 1 - Introdução

Livro texto: Fundamentos de Antropologia, Um Ideal da Excelência Humana, R. Yepes Stork e J. Aranguren Echevarria, Ed. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

Apresentação

Em primeiro lugar, me parece importante tecer um breve comentário sobre o que é o “filosofar”. Amor à sabedoria. É mais uma atitude vital do que uma disciplina acadêmica. É achar a sabedoria (uma elaboração superior ao conhecimento e infinitamente superior à informação) *o maior barato*.

É uma atitude permeada, antes de mais nada, por uma grande humildade, de uma grande reverência diante da realidade das coisas, e especialmente da realidade mais profunda e universal das coisas, diante da nossa pobre e limitada inteligência.

Programa da disciplina: Vamos seguir até onde der, tentando chegar no final do programa. Mas sem neuras. Até por que esta é a primeira vez que estou dando este curso, e não sei exatamente quanto tempo vamos usar para cada assunto.

De qualquer maneira, nosso desejo, ainda que utópico, é o de seguir o conselho de Kant, que é mais importante ensinar a filosofar do que ensinar filosofia...

Estamos tentando, com grande esforço, pegar um pouco da centelha da inteligência divina que Prometeu (Prometeu acorrentado, Ésquilo) roubou dos deuses para dar ao homem. Vamos ver se sobra um pouco para a gente também.

Mas a filosofia é também uma disciplina acadêmica, e esse caminho que pretendemos percorrer já o foi, por muita gente, e gente muito inteligente, que nos deixou excelentes mapas, ainda que complexos como a própria realidade das coisas.

Objetivo do curso: tentar entender um pouco mais sobre o homem, através de uma reflexão **filosófica**.

Uma primeira pergunta que certamente surge: por que estudar Filosofia? E por que fazê-lo no IME? Não somos especialistas no assunto, não somos filósofos profissionais, mas meros engenheiros (cocô do cavalo do bandido etc.), não vamos criar nada de novo em filosofia, e não vamos mesmo.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que, pelo menos neste Instituto, há precedentes. Um deles, um dos maiores filósofos brasileiros (ou pelo menos uma das pessoas mais inteligentes do Brasil entre os anos 50 e 70), o Gustavo Corção, que era engenheiro eletrônico e professor da elétrica, que trabalhou muito com cartografia etc. No seu primeiro livro, A Descoberta do Outro, de 1952, ele dizia:

: "... passei mais de quinze anos amarrado à técnica. Cinco entre teodolitos e, outros dez, fitando ponteiros de galvanômetros. Durante esse tempo tentei algumas evasões, veleidades em letras e tintas, versos ou quadros, mas acabava voltando ao galvanômetro. Cheguei a jogar xadrez semanas a fio, em clubes e campeonatos, e retornava ao galvanômetro. Nesse tempo apurei um certo fôlego lógico que me fartava a razão, e até me dava algum prestígio. Levei tempo a descobrir que tal faculdade se desenvolvera á custa de uma atrofia: coisas graves me aconteceram para me despertar a respeito de que eu estava amarrado ao meu próprio cadáver..."

Olha, muito bem, cada um de nós tem um trabalho para fazer, que podemos achar mais ou menos divertido, fazemos uma série de coisas, temos uma série de confortos e de desconfortos proporcionados pela tecnologia. Mas chega (ou pelo menos deveria chegar) uma hora que a gente para e pensa: mas para que isso tudo? Onde eu estou indo? Para que tanto corre corre, sobe desce? Para ter conforto material?

E achamos que a vida é um problema a ser resolvido, não um mistério a ser desvendado, na medida do possível, e vivido.

Pior é quando essa dúvida não ocorre, ou é sufocado por um motivo ou outro, e achamos que a vida é isso mesmo, e pensamos que as pessoas existem para fazer funcionar uma espécie de máquina social cega:

“Quando prende ou mata alguém, esta sociedade não prende ou mata ou prende qualquer coisa de vivo, mas uma noção. Em boa lógica, esse crime não lhe pode ser imputado, pois máquina alguma pode ser acusada de crime. E ninguém saberia dizer a uma máquina que tratasse os homens segundo as suas características individuais... Tudo o que sei é que o fato de submeter o homem às leis e aos critérios técnicos, critérios excelentes pelo que respeita às máquinas, equivale a um assassinato.”

Prefácio de Gabriel Marcel à 25a hora, de V. Gheorghiu

Quer dizer, a modernidade (identificada com a corrente filosófica do Iluminismo), o tecnicismo, é um horror, mas a sua reação, a pós-modernidade é também um perigo terrível.

Vamos tentar dar um panorama da situação atual do pensamento – pos-modernidade -partindo de dois autores que tem uma visão crítica da situação, partindo de dois pontos completamente diferentes.

G. Reali filósofo acadêmico católico clássico erudito.

F. Wheelen jornalista inglês, iluminista ateu, superficial em muitas coisas, mas muito perspicaz. Esse de algum modo procede de outro, do Alain Sokal, Imposturas Intelectuais.

Depois, vamos tentar entender a gênese histórica dessa situação.

Giovanni Reale: O saber dos antigos: terapia para os tempos atuais, Ed. Loyola, 1995.

Já o prólogo recebe a epigrafe: “Niilismo, raiz de TODOS os males do homem de Hoje”

“A cultura contemporânea perdeu o sentido daqueles grandes valores que, na era antiga e medieval e também nos primeiros séculos da era moderna, constituíam pontos de referência essenciais e, em ampla medida, irrenunciáveis no pensamento e na vida” pg.17

Mais para a frente (pg. 33), esta autor enumera alguns desses valores perdidos, que podemos tentar reencontrar na filosofia clássica. Alguns:

- Cientificismo e tecnicismo, com o redimensionamento da razão do homem nesta direção;
- Praxismo, ação pela ação e esquecimento do ideal da contemplação
- Ideologismo (derivado da vontade) substituindo a busca pela verdade através da inteligência
- Bem estar como sucedâneo da felicidade
- Difusão da violência

- Perda do sentido da forma (estética da feiúra)
- Redução do Eros à dimensão física
- Perda do sentido do cosmos (universo ordenado para alguma coisa)
- Materialismo em todas as suas formas

E o livro procede estudando, um a um cada uma dessas perdas de valor. Sugere então como os clássicos podem nos ajudar, pelo menos, a mitigar estes males.

É interessante que esse livro foi escrito em 1995. Hoje em dia, o relativismo e o besteiro atingiram níveis tão elevados, que os próprios iluministas estão preocupados.

A tara humana de ter sempre razão, mesmo que não entenda chongas do está falando, é algo realmente assustador, que os próprios iluministas/cientificistas começaram a se assustar, eles que SEMPRE tiveram razão em TUDO¹.

A partir da radicalização e tentativas implementação efetiva das teses pós-modernas do chamado *desconstrutivismo* (Derrida, Lacan, Julia Kristeva etc.) os próprios iluministas reagiram.

Compêndio do besteiro contemporâneo: Por que a Picaretagem (Mumbo Jumbo) conquistou o mundo: equívocos da modernidade, do jornalista inglês Francis Wheen, Ed. Record, 2007.

Desce a lenha desde os banhos de lama da Cherry Blair, no culto da Princesa Diana, nas asneiras pseudo-científicas dos descostrutivistas, no aiatolá Khomeini, na Tacher, no Bush, no Al Gore, nos gurus da administração e dos livros de auto-ajuda, em todo mundo. Menos ele mesmo, é claro. É divertido.

Outro, mais elaborado, é o livro *Imposturas Intelectuais*, de Alan Sokal e Jean Bricmont (Ed. Paidós, 1998), que trata de maneira mais detalhada o famoso affaire Sokal, quando ele mesmo publicou na badalada revista de sociologia *Social Text* o artigo "Transgredir as fronteiras: em direção a uma hermenêutica transformadora da gravidade quântica".

Ele havia publicado o artigo de pura sacanagem, uma vez que ele não queria dizer nada de nada, só usar a fraseologia posmoderna misturando com ciência de verdade, para ter um ar de credibilidade, sem fazer sentido algum.

Es así como el órgano eréctil viene a simbolizar el lugar del goce, no en sí mismo, ni siquiera en forma de imagen, sino como parte que falta en la imagen deseada: de ahí que sea equivalente al $\sqrt{-1}$ del significado obtenido más arriba, del goce que restituye, a través del coeficiente de su enunciado, a la función de falta de significante: (-1) (Lacan, 1971a, págs. 183-185).

¹ *Eu pessoalmente não concordo com nem uma nem outra linha, mas deixem se bater entre si que é positivo....*

Tenemos que reconocer que es preocupante ver cómo nuestro órgano eréctil se identifica con $\sqrt{-1}$. Eso nos hace pensar en Woody Allen, quien, en *El dormilón* (Sleeper, 1973), se opone a la reprogramación de su cerebro con las palabras siguientes: «¡No podéis tocar mi cerebro, es mi segundo órgano favorito!».

Depois ele admitiu a brincadeira, mostrando que os editores da revista eram uns picaretas, o que deu pau desgraçado.

E nesse livro ele fala de alguns desses autores, vacas sagradas do que hoje em dia é considerado o ultra top das ciências humanas. Ciências essas que influenciam diretamente, através de mecanismos gramscianos, nossa imprensa, nossa educação e nossa legislação.

Nossa posição: é possível chegar a proposições verdadeiras. Proposições em si mesmas contestáveis, parciais, perfectíveis, mas SEMPRE ATRAVÉS DO TRABALHO DURO DE REFLEXÃO FILOSÓFICA SÉRIA. Ainda que humilde, limitado, pela nossa própria condição de seres humanos e de filósofos amadores, por assim dizer.

Contestáveis, sim, mas desde que através de uma crítica séria, de um trabalho árduo.

Eu não tenho nada contra a contestação. Mas, como numa tese, não me venha querer contestar algo sem conhecer o que os outros fizeram anteriormente (revisão bibliográfica), sem um procedimento metodológico bem definido, sem resultados significativos e tudo o mais.

Como dizia o Caetano Veloso, “eu acredito nos iconoclastas capazes de construir as suas próprias estátuas.”

Uma coisa é a contestação outra a picaretagem (de pegar uma picareta e ir demolindo de maneira irresponsável o que os outros construíram com tanto esforço. E, diga-se de passagem, é muito mais fácil fazer isso do que construir alguma coisa).

Outra coisa é chute, ou a proposição de hipóteses. E não há nenhum problema em chutar de vez em quando, desde que o indivíduo saiba e admita publicamente que o que ele está fazendo é justamente chutar.

Peço desculpas se pareço que estou divagando em relação ao tema do nosso curso, que é a antropologia.

Na realidade, para começarmos a entender o homem, me parece necessário estudar um pouco o contexto filosófico contemporâneo, que em grande medida molda o nosso próprio modo de pensar.

Muito bem, nossa proposta é estudar antropologia, partindo dos clássicos. Mas antes de tentarmos entender os clássicos, precisamos entender a nós mesmos! A maneira como nós próprios pensamos e sentimos.

Entretanto, me parece também que para fazermos isso, precisamos estudar um pouco dois problemas fundamentais: quais são os problemas fundamentais da maneira de pensar, filosófica ou não, do homem de hoje? Qual foi o processo pelo qual chegamos até aqui, do ponto de vista da história do pensamento?

Fazer isso não é trivial, e peço a vocês um pouco de paciência para que, antes de entrarmos na antropologia propriamente dita, estudemos em grandes traços um pouco da história do pensamento ocidental até chegarmos nos dias de hoje.

Espero que vocês não fiquem com a impressão de uma eventual “perda de foco”, mas me parece que essa digressão cheia de idas, vindas e circunlóquios pode nos ajudar a entender com mais profundidade os problemas antropológicos.

Em síntese, tentaremos dar a chave hermenêutica” para compreensão do problema do homem hoje².

Nesse sentido, talvez alguém se aborreça com demasiadas citações da literatura e de autores filosóficos. Novamente, peço desculpas, mas é o método que eu gosto de usar para tentar explicar as coisas.

Me justifico com (mais) uma citação...

“Mais importância todavia tem a literatura no âmbito da vida pessoal. A maior parte das relações entre as pessoas se vivem imaginativamente, se compreende sem tê-las experimentado; são elas as que dilatam incrivelmente a vida, mais além dos seus conteúdos reais, forçosamente limitados. Estas vivências virtuais são o ensaio da vida complexa, rica, civilizada, e sobretudo o cultivo da intimidade. Desde muito cedo, já desde da primeira juventude, a literatura permite uma imensa série de explorações, de antecipações, do que poderia ser real e que por acaso não seria nunca, de transmigração a outras formas de vida, às vezes a outras épocas, das quais se pode tomar uma posse imaginária.

Julian Marias, *Educación Sentimental*, Alianza Editorial, 1993, pg 37”

No pior dos casos, fica como dica de leitura. Às vezes a gente lê bestsellers (normalmente ruins) por falta de boas dicas de literatura clássica.

Problema central da teoria do conhecimento: relativismo

Essa conjuntura cultural, da pós-modernidade, tem uma característica central do ponto de vista do conhecimento, que é a questão da verdade. Quid veritas?, já perguntava o velho Pôncio Pilatos.

² Espero que por um exagerado escrúpulo da minha parte de explicar tudo explicadinho de mais a coisa se torne enfadonha. Peço que me advirtam se isso acontecer.

O que isso tem a ver com a filosofia do homem?

Diria que três coisas:

1- O relativismo (por enquanto gnosiológico, sem entrar no problema do relativismo moral) é um substrato filosófico que influencia diretamente a filosofia do homem. A antropologia é uma disciplina filosófica que depende de outras: de uma metafísica, de uma lógica, de uma teoria do conhecimento etc. Dependendo do ponto de partida dessas disciplinas anteriores chega-se em uma ou outra antropologia. Por exemplo, partindo de uma metafísica hegeliana, pode-se chegar numa antropologia marxista de várias tonalidades de vermelho, mas não numa antropologia de tipo personalista.... De qualquer maneira, esse é um problema complicado que eu não gostaria de entrar muito a fundo agora, para não perder a perspectiva.

2- A maneira como o homem – o homem da rua, o pedestre, o cidadão brasileiro médio – se comporta, a maneira como o homem pensa: o homem enquanto fenômeno real, objeto da filosofia do homem mas que não é A filosofia do homem, está fortemente influenciada por isso.

Quer dizer: o relativismo é um elemento que está presente nas nossas cabeças, nas nossas casas, nas nossas escolas, nos sites que a gente visita e assim por diante.

3- A maneira como a sociedade se organiza. É possível que as pessoas e os povos consigam efetivamente dialogar, já que é necessária uma base comum de significado na linguagem para haver comunicação? Basta o consenso democrático. E se o consenso democrático chega democraticamente à conclusão que eu (meu grupo humano – judeus p. ex. – minha comunidade religiosa, minha voz ativa na sociedade etc.) devo ser eliminado, o que garante que esta decisão não tem legitimidade?

Tentativa de síntese histórica do relativismo

A questão do relativismo é uma importante característica do ponto de vista intelectual da fase histórica que passamos, a chamada pós-modernidade³.

³ Em alguns debates contemporâneos, costuma-se contrapor dois pólos de discussão entre a Igreja Católica / cristianismo versus “Modernidade” entendida em sentido impróprio (aborto, camisinha, células tronco embrionárias, gays etc. Esses são os temas da moda, de temática essencialmente pós-moderna com viés tecnicista), recorrentes nos artigos de fundo do jornal de domingo. Por exemplo, dizia o filósofo francês Michel Onfray na entrevista a Antonio Gonçalves Filho, “Os novos hedonistas”, O Estado de São Paulo, 17/6/2007:

“Per. ... Você acha possível convencer outras pessoas a aceitar um mundo ateu e hedonista?

Resp. Para mim, não se trata, evidentemente, de defender valores morais cristãos, já que a totalidade de meus livros se opõe a estes. Recentemente o papa Bento XVI nomeou o seu inimigo: o hedonismo (sic). Creio mesmo que o hedonismo seja a filosofia que combate o cristianismo em todos os terrenos. Em *Théorie du corps amoureux*, propus um erotismo solar e libertário, contrário aos adversários do culto ao corpo, dos desejos, das paixões, das pulsões da vida. Em *Féeries Anatomiques* propus uma bioética

A pós modernidade é composta por um conjunto complexo de elementos, em vários âmbitos: social, político, moral, religioso, econômico e tb. Intelectual

A vida, a família, o estado, as liberdades individuais, o conhecimento científico devem ser defendidas. Ok. Mas o que é família, o que é estado, o que é liberdade? “Cada um tem o seu próprio conceito com relação a essas coisas, tudo é uma questão de discurso”, dizem nossos colegas pós-modernos.

Por exemplo, liberdade de expressão: é a liberdade do Hugo Chavez fechar uma televisão privada que não comunga das suas alucinações socialistas-bolivarianas?

Ou se a gente vai no hospital, com pneumonia, e nos tratam com uma pajelança, florais de bach, homeopatia, ao invés de dar antibiótico? Como dizer que a medicina ocidental é melhor que o xamanismo do índios arauaques, pajelança, etc.? É muito relativo. Morreu. É que o organismo dele estava em desarmonia com o cosmos, sabe.

(vejam, essas são posicionamentos ANTI-MODERNOS existentes na pós-modernidade)

São pequenos exemplos, mas existe uma onda relativista que vai tomando parte de absolutamente toda a sociedade, ao ponto que a própria palavra verdade vai se tornando um palavrão.

A partir do momento em que se nega a possibilidade da verdade, só resta a lei. Mas e se a lei estiver errada? Se ela for incompatível com a realidade das coisas? Se ela for injusta? Paciência...

É um dos problemas derivados do positivismo jurídico (não o único e derivado não só do positivismo j.). Por um lado, o legislador parte de concepções abstratas sobre o que deveria ser o homem, e gera um ordenamento legal em cima dessa concepção. Kant e Habermas⁴.

O que muitas vezes acontece nos episódios de violência organizada no Rio de Janeiro é um reflexo indireto de um modelo jurídico kantiano, de uma concepção filosófica. No caso, de uma idealização iluminista (Russeau) do que é

tecnófila que defende uma procriação assistida por casais homossexuais, a eutanásia, o suicídio, a transgênese, a clonagem e inúmeras outras propostas radicalmente anti-cristãs. Em A política do rebelde propus uma política libertária e contrária às habituais posições conservadoras da direita da Igreja Católica.”

De fato o confronto existe, mas não vamos entrar nessa temática. O problema é que, de um modo geral, mesmo os articulistas supostamente cultos desses jornais, e talvez nós mesmos, não distinguimos com precisão o que modernidade e o que é pós-modernidade. Claro, a pós-modernidade é um balaio de gatos que inclui alguns elementos da modernidade, mas são coisas diferentes. Acho que vale a pena gastarmos um pouco de tempo para distinguir as coisas com mais precisão.

⁴ Ver, por exemplo, "O cisma do século XXI", Reunião entre e JÜRGEN HABERMAS E O CARDEAL JOSEPH RATZINGER, FOLHA DE SÃO PAULO, CADERNO MAIS, 24 DE ABRIL DE 2005.

o homem, sem olhar para o homem concreto que pratica o tráfico no morro, ou onde for.

E para onde vão as coisas? Na Holanda, já existe o partido pedófilo. E a “eutanásia” de recém nascidos com deficiências⁵. Qual é limite do certo e do errado, se não há certo ou errado, se não existem verdades universalmente aceitas? Bom, aí resta o **consenso**, que pela mera sanção democrática, já beatifica e canoniza qualquer disparate.

Se “tudo é relativo”, por que certos princípios de “moralidade” que hoje se conservam não podem ir para o brejo mais para a frente, se houver consenso?: Pedofilia, mutilação feminina, queima de viúvas, ecologia, estupro, etc. Por que essas coisas são erradas SEMPRE e outras não? Vale o SEMPRE na sociedade relativista? E se decidirmos que os “velhos” acima de 60 anos devem morrer, por que já deram tudo o que tinham que dar para a sociedade, e agora só dão gastos, e votarmos democraticamente para isso (plebiscito, se quiserem), como dizer que isso está errado?

Para entendermos a pós-modernidade é necessário entender o processo histórico que levou a até ela. Não é simples de falar sobre isso, em tão pouco tempo....

Resumo histórico

Feito um panorama da pós-modernidade, e suas crises, precisamos entender de onde veio cada uma de suas partes. Estamos observando um filme enrolado com várias cenas em seqüência que se sobrepõe.

Nossa tese fundamental: a pós-modernidade trás no seu bojo uma crise, cuja “cura” está no conhecimento dos clássicos.

Vamos procurar fazer um brevíssimo apanhado da história da filosofia desde os pré-socráticos até o nominalismo medieval, quando começa a despontar a modernidade.

De qualquer modo, é importante ter um entendimento, ainda que superficial, das grande eras da história da filosofia, como elas se articulam, mesmo antes de estudar a fundo uma escola ou autor específico.

Até mais o séc. 14, a cultura ocidental se assentava sobre três bases fundamentais: o direito romano, a religião judaico-cristã e a filosofia grega.

Do ponto de vista filosófico, a principal característica da filosofia grega é um otimismo em relação à capacidade intelectual humana em conhecer a verdade.

Dá para chegar lá. O caminho é árduo, os resultados são parciais, mas vale a pena o esforço intelectual para chegar à verdade das coisas.

⁵ Provoost, V., et al., Medical end-of-life decisions in neonates and infants in Flanders, Lancet, 365, 1315-1320.

A mente cria uma representação intelectual das coisas, os conceitos. E na realidade as operações intelectuais que nós fazemos são em cima dos conceitos. O nosso raciocínio se dá sobre o ser pensado, de fato.

O ser pensado é derivado do ser real, através dos sentidos.

A verdade apreendida por nós, o ser pensado, é sempre parcial, mas verdadeiro. É capaz de extrair características verdadeiras dos objetos, ainda que parciais.

Resumão de história da filosofia até chegar ao nominalismo

Bibliografia:

Noções de História da Filosofia: Leonel Franca, Ed. Agir, 1969

Reale, Giovanni. e Antiseri, Dario. *A História da filosofia*. Editora Paulus. 1990, 3 volumes

Pré-Socráticos (6aC a 4aC)

Arckhé – Princípio universal

Tales: água

Heráclito: Fogo, movimento

Pitagóricos: número

Parmênides: o ser

Demócrito: átomos

Sofistas

Filosofia da turma da Mônica

Filosofia àtica (4aC a 3aC)

Sócrates: Importância do conhecimento na consciência moral; autodomínio da inteligência sobre a sensibilidade; busca das essências, abstração

Platão: idealismo, participação nas essências eternas, diálogo/dialética como método filosófico, política

Aristóteles (o Filósofo⁶): realismo, metafísica (estudo do ente enquanto ente), estudo da causalidade, teoria hilemórfica, psicologia/antropologia, ética, lógica, teoria do conhecimento, poética, política etc

⁶ Na Divina Comédia (Inferno, Canto IV, 130), Dante coloca Aristóteles no limbo como aquele ao redor do qual os outros filósofos se assentam para escutá-lo:

Poi chi innalzai un poco più le ciglia,

vidi il maestro di color che sanno

seder tra filosofica famiglia.

Tutti lo miran, tutti onor li fanno:

quivi vidi lo Socrate e Platone,

che innanzi a li altri più presso li stanno;

Democrito che il mondo a caso pone,

Diogenès, Anassagora e Tale,

“Helenismo” 3aC a 0 dC

Megáricos: cínicos⁷, destrói e não constrói nada no lugar (*casseta e planeta*)

Epicuristas: Hedonismo

Estóicos: impassibilidade

Céticos

Sêneca

Filon de Alexandria: junto com Justino, tenta fazer a ponte entre Moisés e a filosofia Grega;

Tradição judaica: livros sapienciais; importância do coração como sede da consciência moral e de canal de comunicação com Deus: fenomenologia da intimidade da intimidade da alma com Deus que se dá no coração⁸:

consciência moral, orgulho, confiança, ternura, sabedoria etc etc.;

influência na patrística: S. Cipriano de Cartago

Patrística 0 dC a 5dC

Surgimento do cristianismo⁹

Depois de algum tempo da vinda de Cristo, toda a filosofia ocidental ficou influenciada por isso, a favor, contra ou tergiversando a mensagem de Cristo. Assim, problemas relacionados direta ou indiretamente ao cristianismo nos acompanharão ao longo do curso.

É impossível entender o ocidente e o pensamento ocidental sem o cristianismo, e inclusive as suas patologias. Lembrando que tanto nas formas católica quanto protestante (sem falar nas orientais) o cristianismo traz consigo toda a tradição judaica veterotestamentária.

Empedoclès, Eraclito e Zenone;
e vidi il buono accoglitore del quale,

⁷ O cínico tornou-se um personagem pululante, que se achava atrás de cada esquina e em todas as alturas. Ora bem, o cínico não fazia outra coisa senão sabotar aquela civilização. Era o nihilista do helenismo. Jamais criou nem fez nada, seu papel era desfazer – melhor dito, tentar desfazer, porque tampouco conseguiu seu propósito – O cínico, parasita da civilização, vive de negá-la.

Ortega y Gasset, Rebelião das massas

⁸ Sugerimos como exercício uma busca da palavra “coração” em uma bíblia em formato eletrônico, para ver onde e com quais significados a palavra aparece.

⁹ Ma l'avvento del Cristianesimo come si è inserito e in che modo ha modificato il pensiero filosofico preesistente?

Eh, questa è una bella, è una bella domanda, intorno a cui molta filosofia si è interrogata, perché effettivamente lo schema più corrente, forse più giusto, è che l'avvento del Cristianesimo ha introdotto nella cultura l'attenzione alla soggettività libera. Sia in Hegel sia in Dilthey, sia in molti filosofi, che hanno costruito un'immagine della storia della filosofia, il Cristianesimo è apparso come l'elemento di attenzione al soggetto, alla libertà, all'individualità, alla specificità di ciascuno, eccetera. Questo, secondo me, è abbastanza vero: la filosofia moderna è improntata dal Cristianesimo, perché fa più attenzione alla soggettività e alla libertà. Anche questo ci deve avvertire sulla, diciamo, sui rapporti profondi che ci sono tra filosofia e Cristianesimo, che non sono solo di alternativa. Senza il Cristianesimo può darsi che la filosofia sarebbe rimasta una filosofia puramente naturalistica, dove noi eravamo un pezzo di un universo totalmente meccanizzato, retto da regole immutabili, eccetera, eccetera.”, Gianni Vattimo, <http://www.emsf.rai.it/grillo/trasmissioni.asp?d=91>

Apologistas: Justino, Clemente, Orígenes
Capadócijs: Basílio e os dois Gregórios
Tertuliano, Ambrósio
Pseudo-Dionísio
Agostinho: neoplatônico pessoa, Trindade, razão e fé, teologia da história (Cidade de Deus), psicologia religiosa, problema do mau etc.

Filosofia Medieval¹⁰ | 5dc A 13 dC

Boécio
Escola palatina Carlos Magno
Sto. Anselmo: argumento ontológico
Avicena e Averrois: Aristóteles na veia; mundo como emanção necessária de Deus; eternidade do mundo, unicidade do intelecto humano
A volta de Aristóteles: Alberto Magno e Tomás de Aquino
A menos da lógica, Aristóteles ficou esquecido por +- 1500 anos!
O ápice do pensamento clássico é Sto. Tomás¹¹. Grande síntese: gregos (Aristóteles e Platão), Patrística (em especial Sto. Agostinho¹² e suas raízes platônicas – trindade e ato de ser participado – vemos melhor Platão depois), Boécio, árabes espanhóis.
A grande preocupação de S. Tomás era a teologia: aprofundou muito metafísica, ao redor da qual giram os grandes problemas da teologia: sacramentos e em especial eucaristia, prob. do conhecimento; cristologia - pessoa e natureza; Sma. 3dade; Moral, fenomenologia das virtudes.

A via mordenorum

Dois Amores, Duas Cidades, G. Corção, Ed. Agir, 1967

Nominalismo medieval (séc. 14-15)

A filosofia desenvolvida na Idade Média (Séc 13, S. Tomás) era altamente influenciada pelos gregos clássicos, é extremamente otimista com relação às possibilidades da razão humana.

Essa concepção clássica da possibilidade do conhecimento passa a ser minada por uma dupla de filósofos/teólogos franciscanos do UK que questionam a própria possibilidade do conhecimento verdadeiro. Scotus e Ockham além de Rosselino.

¹⁰ Na filosofia escolástica, não é conveniente fazer uma divisão por autores e sim por escolas. Pelo fato da reflexão filosófica medieval ter sido um trabalho coletivo.

¹¹ Para entender a filosofia de S. Tomás:

<http://www.aquinate.net/p-web/Revista-Aquinate/Estudos-pdf/Estudos-3-edicao/estudo-faitanin-filosofia-tomas.pdf> A FILOSOFIA SEGUNDO SÃO TOMÁS DE AQUINO, Paulo Faitanin, UFF

¹² Para um texto introdutório, ver Carlo Cremona. Agostinho de Hipona: a razão e a fé. Petrópolis: Vozes, 1990

É o chamado nominalismo: não podemos conhecer as coisas, só nomeá-las¹³. O conhecimento das essências é uma pretensão.

Para muitos filósofos contemporâneos a filosofia começa em Descartes (séc 17) ; antes só tinha a “mística”; tudo o que vem antes são trevas; na realidade, a modernidade começa no fim da Idade média.¹⁴

Reforma protestante (séc. 15-16)

Radicalização do pessimismo em relação ao homem e a razão. Processo teológico/histórico longo até chegar em Lutero: Scotto, Ockham, Huss, etc. Decadência moral no Renascimento. Guerra dos 100 anos etc. etc.

A gênese do problema filosófico da reforma protestante é um problema teológico¹⁵:

Teses luteranas fundamentais com relação ao conhecimento:

A natureza humana está totalmente corrompida pelo pecado. Assim:

A razão está corrompida, junto com a natureza humana

Não serve para conhecer a Deus e a verdade das coisas.
Só a fé salva.

A moral deriva da fé, ainda que o homem seja incapaz de fazer o bem: predestinação

Há outras teses, de ordem mais eclesiológica:

A Igreja enquanto tal é inútil (a prostituta, a grande Babilônia de que fala o Apocalipse)

Se não há Igreja, não há Magistério

Sola scriptura + Livre exame. (problema do debate darwinismo/criacionismo nos EEUU¹⁶)

Individualismo. Oposto ao cidadão da Polis, ideal da política grega. 2ª. Onda de deselenização de que fala o papa Bento 16 no Discurso de Ratisbona. O problema religioso deixa de ser um problema social, e passa a ser individual. Logo, não é necessário

¹³ Daí “O nome da rosa”, romance famoso de Umberto Eco.

¹⁴ G. Corção, Dois Amores, Duas Cidades, pg.25, vol. 2 “A obra de S. Tomás, e a corrente aristotélico-tomista é a única que atravessa os séculos e sempre tem estudiosos. Mas a influência civilizacional deslocou-se, a atmosfera contaminou-se coma a radioatividade da explosão atômica dos séculos XIV e XV ”

¹⁵ Para uma história do protestantismo, ver Daniel-Rops, História da Igreja Vol. 4, A Igreja da Renascença e da Reforma, Ed. Quadrante.

¹⁶ Uma disputa tão irracional, de parte a parte, quanto disputa entre torcidas “organizadas” de dois times de futebol.

um discurso comum, com conceitos objetivamente entendidos por todos. Relativismo.

É um problema bastante complexo. De qualquer modo, o protestantismo se espalhou rapidamente pela Europa (em grande parte por culpa da Igreja e dos próprios papas) e teve sérias conseqüências sobre o modo de pensar do ocidente.

Entre outras conseqüências, neste caso secundárias, ocorreu uma espécie de reação ao pietismo protestante: iluminismo.

Iluminismo (séc. 17-18)

Não é nosso objetivo do curso falar sobre filosofia moderna, e sim clássica. Teremos que ser necessariamente superficiais.

Vamos apenas tentar fazer um apanhado do processo histórico que permitirá ao menos saber o que a antropologia clássica é e o que ela não é, à luz do que se entende hoje por homem e por conhecimento (nossa maneira de ver as coisas, que não é a clássica). Segundo MacIntyre, não dá para falar em ética sem falar em uma história da ética, sem contextualizar culturalmente a visão que o homem tem sobre o homem.

Outra observação: é muito difícil separar o problema do conhecimento, ou da crítica do conhecimento, do problema antropológico do problema moral. Por que na modernidade, toda a moral é baseada numa impossibilidade da antropologia por causa do problema do conhecimento. Enquanto na filosofia clássica, a possibilidade do conhecimento racional do homem está sempre presente, e é justamente desse conhecimento que deriva a moral. Daí a dificuldade de expor didaticamente o problema. Peço um pouco de paciência.

Ok, a razão não serve para nada, vocês estão dizendo? Serve sim! Vejam só as nossas descobertas no plano técnico-científico: Descarte, Hobbes, Newton, Leibnitz, Locke etc.

Nois semos bons pracaramba!

Confiança ilimitada na razão, que permitiria construir uma nova sociedade (Revolução Francesa), um novo mundo, um novo homem, onde se resolveriam todos os males e ignorâncias, através da razão e da ciência¹⁷.

¹⁷ “Así escribe en La Chiesa e la Rivoluzione francese (Edizioni Paoline) el historiador Luigi Mezzadri. Quien además de la pérdida de los tesoros de muchas bibliotecas eclesiásticas, recuerda la completa destrucción (y, precisamente, por puro «vandalismo») de los monasterios de Cluny y Longchamp, la abadía de Lys, los conventos de Saint-Germain-des-Prés, Montmartre, Marmoutiers, la catedral de Mâcon, la de Boulogne-sur-Mer, la Sainte Chapelle de Arras, el castillo de los Templarios en Montmorency, los claustros de Conques y otras infinitas obras de gran antigüedad y belleza. En una ciudad como Troyes hubo quince iglesias destruidas, en Beauvais doce, en Châlons siete; y la triste enumeración podría seguir páginas y páginas, sin olvidar que prácticamente no hubo lugar de culto, en cada aldea, que no fuera invadido y saqueado. En Aviñón no se limitaron a devastar el palacio de los

Reação ao pietismo, mas na realidade a raiz do iluminismo era a mesma do nominalismo e do protestantismo.

Para o nominalismo, podemos dar nome às coisas e realizar operações utilitárias com elas. Podemos não conhecer a rosa, só o seu nome, mas ela continua cheirando bem, podemos fazer perfume, conquistar uma mulher, etc., coisas práticas.

Romeu e Julieta, Shakspeare, 1594.

Julieta: "What's in a name? that which we call a rose
By any other name would smell as sweet;"

O conhecimento é possível, sim, para coisas práticas, visando resultados metodológicos, mas não a verdade mesmo sobre natureza e muito menos sobre Deus.

G. Corção, Dois Amores Duas Cidades, pg. 43. "Uma vez que a inteligência não alcança as coisas superiores, apliquemo-la nesse trabalho de apalpar os fenômenos para deles tirar uma nova confiança em nós mesmos, e para ordenar a nosso gosto essa imensa mãe telúrica, brutal, que às vezes, no seu sono pesado, mata os próprios filhos."

Agindo no mundo através de reformas políticas, administrativas, religiosas, poderiam reorganizar a vida humana de maneira que emancipada, livre de qualquer tradição ou autoridade (que não fosse a deles mesmos), valendo-se por si própria, chegaria a uma nova Jerusalém terrestre¹⁸.

Quer dizer: o nominalismo fornece uma base filosófica para o iluminismo, separando a lógica da metafísica, ou questionando a possibilidade do conhecimento da verdade, das essências das coisas, o conhecimento teórico por assim dizer, associado sobretudo à contemplação (influência grega). Assim, a atenção da razão se volta, por falta de coisas mais interessantes, para aspectos de ordem prática.

Papas sino que, cegados por el odio, alimentaron durante días una gran hoguera con los muebles preciosos y, sobre todo, con las maravillosas obras de la pinacoteca."

Vittorio Messori, Leyendas Negras de La Iglesia

¹⁸ "En realidad, las estructuras justas son una condición sin la cual no es posible un orden justo en la sociedad. Pero, ¿cómo nacen?, ¿cómo funcionan? Tanto el capitalismo como el marxismo prometieron encontrar el camino para la creación de estructuras justas y afirmaron que éstas, una vez establecidas, funcionarían por sí mismas; afirmaron que no sólo no habrían tenido necesidad de una precedente moralidad individual, sino que ellas fomentarían la moralidad común. Y esta promesa ideológica se ha demostrado que es falsa. Los hechos lo ponen de manifiesto. El sistema marxista, donde ha gobernado, no sólo ha dejado una triste herencia de destrucciones económicas y ecológicas, sino también una dolorosa opresión de las almas. Y lo mismo vemos también en occidente, donde crece constantemente la distancia entre pobres y ricos y se produce una inquietante degradación de la dignidad personal con la droga, el alcohol y los sutiles espejismos de felicidad.

Las estructuras justas son, como he dicho, una condición indispensable para una sociedad justa, pero no nacen ni funcionan sin un consenso moral de la sociedad sobre los valores fundamentales y sobre la necesidad de vivir estos valores con las necesarias renunciaciones, incluso contra el interés personal"., Bento XVI, Discurso de Abertura do 5º CELAM, Aparecida, 2007.

E Lutero fornece a base teológica e social, servindo quase como uma provocação às possibilidades da razão humana, que responde vigorosamente, mas de maneira unilateral, tomando apenas os aspectos mais imediatos da realidade como objeto de estudo e desenvolvimento.

Do ponto de vista geográfico, é interessante notar que o iluminismo aparece nos países mais influenciados pelo protestantismo¹⁹: Inglaterra, França e Alemanha.

Inglês: pioneiro, suavemente irônico e com grande senso prático, resolve pronta e sem dramas todos os problemas, científicos, sociais e políticos.

Francês: frívolo, louco por novidades, turbulenta, radical, bipolar: resultando na Revolução de 1789. Influência indireta do protestantismo, através dos huguenotes (minoritários) e do Jansenismo

Alemão: de Leibniz até Kant, baseada na formulação de princípios, no rigor científico e lógico, na reflexão abstrata. Auge do idealismo.

É interessante notar que os países que não aderiram à Reforma não houve propriamente um iluminismo (séc 16-17), mas o barroco: Itália, Espanha, Portugal, Áustria, Baviera. Na França houve um barroco e um Iluminismo, ambos muito fortes.

O grande valor dos iluministas: liberdade como bem supremo (salvo a autoridade do partido jacobino, que detinha o poder da guilhotina).
Emancipação do pensamento em relação a qualquer tipo de pretensa verdade absoluta.

Conseguiram criar uma dilema entre verdade absoluta e liberdade.

Que é um falso dilema, por que a verdade absoluta monolítica, sem fissuras, sem flancos criticáveis, é uma pseudo-ideia, não existe.

A verdade absoluta é uma criação da própria modernidade. É um “produto quintessente de um laboratório falido” como diria o Drummond. Verdade absoluta são os sistemas de pensamento derivados do iluminismo: positivismo (científico e jurídico), cientificismo, historicismo etc. Esses são sistemas de verdades absolutas incontestáveis.

Aquele que ousar contestar é “de direita”, conservador, obscurantista, medieval, reacionário etc. Passa a ser considerado um não-interlocutor no debate, um desclassificado, desqualificado, anti-democrático, anti-republicano, criacionista ou o que for²⁰.

¹⁹ A religião iluminista por excelência é a maçonaria, não obstante sua simbologia patética (ver p.ex. a ópera A Flauta Mágica de Mozart)

²⁰ O filósofo clássico acredita no diálogo, e que os que dialogam são pessoas honestas, educadas, respeitadoras e que sobretudo estão buscando a verdade; vê as objeções ao seu próprio pensamento como um grande bem para chegar à verdade. Já o moderno tenta desqualificar o interlocutor, para impor a sua opinião pela força. Não sabe e não acredita no método dialético, mesmo quando finge empregá-lo.

Pseudo-andidogmatismo: a tradição filosófica grega e medieval não era nada dogmática, muito mais dialógica.

Os mais dogmáticos são os anti-dogmáticos, por que o anti-dogmatismo deles é um dogma incontestável:

Os anti-dogmáticos tiram os dogmas desse âmbito e os colocam na própria filosofia. “Em nome de São Voltaire e da autoridade por nós conferida pela Assembléia Jacobina proclamamos e definimos que todo aquele que não professar as nossas idéias FILOSÓFICAS, seja anátema (de direita, conservador, etc.).”

Como diz Ortega y Gasset na Rebelião das Massas “Ser da esquerda é, como ser da direita, uma das infinitas maneiras que o homem pode escolher para ser imbecil: ambas, com efeito, são formas da hemiplegia moral.”

E qual é o grande dogma do Iluminismo (me refiro ao iluminismo sério, não ao fanatismo ideológico de achar que o indivíduo tem razão por que se acha o centro do universo)? **O método.**

Do ponto de vista do conhecimento, a filosofia moderna (depois de Descartes) se caracteriza pelo fato do método ser mais importante que a realidade das coisas²¹. A verdade está no método de conhecimento, não da coisa em si, da qual a inteligência extrai características e eventualmente chega à própria essência.

Quando isso ocorre, existe uma cisão entre o ser cognoscente e a coisa conhecida²².

Para diferentes métodos, diferentes verdades, eventualmente contraditórias. Para Hegel, por exemplo, a verdade sai justamente dessa contradição de sistemas: no pensamento, o ser é e não é ao mesmo tempo, e é justamente na medida em que se nega a si mesmo: a sua realidade mais radica, do ser, não é

²¹ É interessante notar como Guimarães Rosa rejeita o cartesianismo, como uma mutilação da realidade do homem. De certo modo, é uma “reclamação” emblemática de toda manifestação artística contra o reducionismo cartesiano: “Ora, você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são ‘antiintelectuais’ - defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. Por isso mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos. Naturalmente, isso é subjetivo, traduz só a apreciação do autor, e do que o autor gostaria, hoje, que o livro fosse.”, carta 25 novembro de 1963.

²² Já Agostinho desloca o centro da certeza das coisas reais, dentro de uma ordem cósmica (polis), para consciência subjetiva: o eu é o fundamento da certeza, porque tenho conhecimento que eu conheço, ou que duvido. Mas o eu de Agostinho é biográfico - histórico, narrando sua vida nas “Confissões”. Agostinho é um “existencialista”, por que considera a si mesmo num contexto existencial específico, que corresponde a mundo caótico de desmoronamento do Império Romano no Ocidente. Para Descartes, o que importa é o eu estático cognoscente como pura idéia. Descartes descobre que Existe porque exerce o ato de pensar. Mas não chega no problema de agostinho: “por que eu existo?”

ser, mas negar-se. Isso dará origem mais tarde ao materialismo dialético, quando Marx substitui o *geist* de Hegel pela matéria.

O que a tradição clássica defende é que o pensamento humano possui elementos de verdade universal (o que é outra coisa completamente diferente de verdade absoluta).

Que existe uma “verdade ontológica” nas coisas, uma potencialidade de verdade pensada que deriva do ser. As coisas são cognoscíveis pelos sentidos, e podem gerar na nossa mente uma representação mental (o conceito), passível de operações lógicas.

E esse conceito, ainda que uma imagem, um reflexo, um conjunto de características do ser real, é verdadeiro, ainda que incompleto. Até por que a realidade não consegue se apresentar toda ao mesmo tempo. Um objeto não pode ser olhado sobre todos os ângulos ao mesmo tempo por que ele é assim.

Evidentemente, essa concepção de verdade permite que haja uma pluralidade de concepções sobre o que se pensa sobre o ser real: dependendo de que aspecto foi especialmente enfatizado no processo de conhecimento, ou que aspecto a coisa estava “mais predisposta” naquele momento (tempo) a se manifestar.

Uma vaca ao longo da sua vida *vacum* se apresenta ao mundo de acordo com diversas modalidades: é um embrião, um bezerro, ou uma vaca. Mas se a vaca manifestasse as suas entranhas, deixaria de ser vaca, passaria a ser carne de açougue. Ou seja, é da natureza da vaca não mostrar-se na sua plenitude ontológica o tempo todo. E a vaca que eu conheço aqui e agora é vaca, no duro.

Ou seja: no realismo, as coisas são reais, e o conhecimento é real. O processo de conhecimento permite chegar no que as coisas são na realidade, não em meros nomes.

O que é o homem para o antropólogo, para o médico, para o pintor, para o poeta, para sua mãe etc.? Todas as concepções são verdadeiras, ainda que plurais.

Porém, essa concepção sobre o conhecimento requer a existência real da coisa conhecida (verdade ontológica derivada do ser) que é universal. Existe independentemente do pensamento. É em si independentemente do observador (outra coisa é a mecânica quântica....). Já o pensamento é discutível, criticável, perfectível, continuamente.

É como diz a Marina:

Virgem, Marina Lima

As coisas não precisam de você

Quem disse que eu tinha que precisar

As luzes brilham no Vidigal

E não precisam de você
Os dois irmãos também não precisam
O hotel Marina quando acende
Não é por nós dois
Nem lembra o nosso amor
Os inocentes do Leblon
Esses nem sabem de você (Não sabem de você, nem vão querer saber)
E o farol da ilha só gira agora (E o farol da ilha procura agora)
Por outros olhos e armadilhas
Outros olhos e armadilhas
Eu disse! Outros olhos (e armadilhas).... As coisas não precisam de você
A oposição disso é o Boi Rodapião:

“Vocês não fazem como eu, só por que são bois bobos, que vivem no escuro e nunca sabem por que é que estão fazendo coisa e coisa. Tantas vezes quantas são as nossas patas, mais nossos chifres todos juntos, mais as orelhas nossas, e mais: é preciso pensar cada pedaço de cada coisa, antes de cada começo de cada dia...

E nós não respondíamos nada, por que não sabemos falar desse jeito, e mesmo porque, cada horinha, as coisas pensam p'r'a gente.”
Sagarana, Conversa de Bois, pg. 305

Do ponto de vista da ética, a moral iluminista está baseada em Kant: as normas da moralidade são obrigatórias e universais, valem para todos²³. A capacidade dos indivíduos as obedecerem é um problema irrelevante, desde que haja a vontade de obedecer.

Na sua concepção imanentista ou idealista, a razão prática não usa critérios oriundos da experiência, para ser capaz de formular princípios universais categóricos e internamente compatíveis, válidos para todos em todos os tempos: “Ser bondoso com os necessitados”, “Dizer sempre a verdade”. Até aí ok. Mas como afirmar que “Só cumpra as promessas quando for conveniente você”?

Os princípios em si são arbitrários, mudam de acordo com o legislador que está no poder. MacIntyre (After Virtue) cita a incoerência de Diderot que elogia a sexualidade promíscua dos polinésios, e dá uma educação burguesa para a filha (da mesma forma que Voltaire), por que afinal de contas “Paris não é a polinésia”

²³ “Dice el texto de las Naciones Unidas, en su primer artículo: «Todos los seres humanos nacen libres e iguales por dignidad y derechos. Ellos están dotados de razón y conciencia y deben actuar los unos hacia los otros con espíritu de fraternidad.» Aquí también nos encontramos ante el «deber» de una fraternidad sin paternidad común. No se dice, por lo tanto, dónde estriba este «deber», por qué hay que respetarlo, ni se quiere decir. Es el drama de toda moral «laica»: un «¿por qué escoger el bien en lugar del mal?» que queda sin ninguna respuesta razonable. En efecto, la «Declaración» de las Naciones Unidas es quizás el documento internacional más violado y escarnecido de toda la historia, incluso por parte de gobiernos que, mientras pisan todos los derechos del hombre, que solemnemente han votado y aceptado, se sientan y pontifican en aquella misma Asamblea de Nueva York.”, Vittorio Messori, Leyendas Negras de La Iglesia

Romantismo

Por um escrúpulo historiográfico, devemos lembrar do *intermezzo* entre o iluminismo e a pós-modernidade que foi o romantismo: Goethe, Russeu, Victor Hugo, Manzoni, Leopardi, Byron, aqui no BR os nossos Álvares de Azevedo, Golçalves Dias etc., que estudamos na escola.

Essencialmente, é uma afirmação extremamente vigorosa do ponto de vista literário do individualismo em relação aos sentimentos, o que poderíamos chamar de sentimentalismo.

Entretanto, eu pelo menos não consigo enxergar propriamente alguma uma influência especialmente decisiva à história do pensamento dado pelo romantismo²⁴.

O que eu consigo enxergar é uma aração, uma preparação de terreno para o subjetivismo gnosiológico da pós-modernidade e o que MacIntyre chama de moral “emotivista” pós moderna: todo o julgamento de tipo moral é uma mera preferência, um gosto, um sentimento (tadinho) que assume uma posição tirânica sobre o próprio núcleo livre da pessoa moral.

Além disso, como sabemos, o romantismo teve um papel importante na formação da chamada burguesia urbana, a partir da carga de individualismo que ele introduz na cultura.

Por outro lado, do ponto de vista da literatura pelo menos, após o romantismo temos o naturalismo/realismo: Zola, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Puchkin, Gogol, Dostoievski, Tolstoi, etc, que em maior ou menor medida têm um traço iluminista, descritivo (dos sentimentos e da psicologia, sobretudo).

É como se o romantismo fosse uma rápida oscilação entre o iluminismo (modernidade) e a pós-modernidade, que deixou algumas marcas, mas que teve uma existência própria relativamente breve.

Relativismo pós-moderno

Surge então o relativismo tal como o conhecemos: observando faticamente que as verdades pretensamente absolutas são furadas:

Marxismo²⁵, Nazismo, quintessências da modernidade

²⁴ Talvez esta seja uma leitura demasiado minimalista da importância do movimento romântico; regimes totalitários foram culturalmente influenciados pelo movimento romântico, como Wagner o movimento Nacional Socialista alemão. Mas parece-me de qualquer modo uma influência indireta.

²⁵ Bento 16, Abertura do V CELAM, Aparecida, 2007

¿Qué es esta "realidad"? ¿Qué es lo real? ¿Son "realidad" sólo los bienes materiales, los problemas sociales, económicos y políticos? Aquí está precisamente el gran error de las tendencias dominantes en el último siglo, error destructivo, como demuestran los resultados tanto de los sistemas marxistas como incluso de los capitalistas.

Tanto el capitalismo como el marxismo prometieron encontrar el camino para la creación de estructuras justas y afirmaron que éstas, una vez establecidas, funcionarían por sí mismas; afirmaron que no sólo no

Bomba atômica e possibilidade de destruição de toda a vida na Terra por várias vezes²⁶.

Ciência que resolveria todos os problemas, não resolve, e cria outros²⁷

Consumismo e crise ecológica mundial

Permissividade moral, violências e fenômenos de evasão

(para um compêndio de besteiras da modernidade, ver Paul Johnson, Tempos Modernos, Ed. Exército)

G. Corção, Dois Amores Duas Cidades, pg. 44., “A ciência pode proporcionar-nos veículos aperfeiçoados para os nossos deslocamentos; mas é incompetente, destituída de qualquer recurso, para nos aconselhar aonde devemos ir, e aonde não convém irmos. A respeito das coisas mais triviais, o amor, a felicidade dos filhos, a alegria de ter amigos, a Ciência embatucada, ou então, irritada, trata essas coisas com desprezo;”

Ok, essas coisas não funcionam mesmo. Mas a propaganda iluminista disse que as verdades absolutas eram as proposições “conservadoras”. Quando na realidade elas se propunham como universais e passíveis de discussão:

Dignidade da pessoa humana e direito à em todas as suas fases

Liberdade de culto e liberdade de ensino

A sociedade deve buscar o bem comum, enquanto princípio que deve ser levado em conta na ordem econômica

Necessidade da família para a felicidade humana

O homem pós-moderno coloca esses dois blocos de proposições no mesmo saco (valores conservadores, sexistas, homófobos, dogmáticos) e nega tudo ao mesmo tempo, dizendo que não existe verdade de nenhum tipo! Só a minha verdade e a sua verdade.

O relativismo da pós-modernidade é uma ressaca da modernidade ilustrada, sem se libertar dos preconceitos dela²⁸.

habrían tenido necesidad de una precedente moralidad individual, sino que ellas fomentarían la moralidad común. Y esta promesa ideológica se ha demostrado que es falsa. Los hechos lo ponen de manifiesto. El sistema marxista, donde ha gobernado, no sólo ha dejado una triste herencia de destrucciones económicas y ecológicas, sino también una dolorosa opresión de las almas. Y lo mismo vemos también en occidente, donde crece constantemente la distancia entre pobres y ricos y se produce una inquietante degradación de la dignidad personal con la droga, el alcohol y los sutiles espejismos de felicidad.

²⁶ O Filme “The day after” de 1983 foi um importante alerta à opinião pública nesse sentido. Vale lembrar que a bomba atômica, bem como a transformação do homem em “material” biológico é um produto da razão (Debate Habermas – Ratzinger, op. cit.).

²⁷ Por exemplo: “O racismo biológico - desconhecido e incompreensível na tradição cristã - aparece exatamente quando o ocidente refuta o evangelho e passa a novos cultos, como o da ciência. E, com o racismo, na cultura pós-cristã volta exatamente a escravidão: sempre me pareceu significativo que Voltaire (além do mais raivosamente e, coerentemente, anti-semita) tenha investido boa parte dos seus lautos rendimentos como intelectual da corte exatamente numa sociedade de navegação negreira, que assegurava o transporte de escravos africanos para a América.” Vittorio Messori, Qualche ragione per credere, Ed. Oscar Mondadori.

²⁸ Conversando com um colega, professor de engenharia elétrica, ele se perguntava como é possível que a televisão, um equipamento tão elaborado, tão cheio de detalhes e soluções técnicas geniais apresente uma programação tão ruim.....

Um pensamento que se nega a si mesmo, e a qualquer outro com o qual se depare, por que é tudo a lesma lerda.

E chegamos em um ponto em que as pessoas têm horror de não terem razão nas suas assertivas²⁹. Como não é possível que todos tenham razão ao mesmo tempo sobre tudo, cada um inventa a sua verdade “para não brigar”. O que é uma grande falácia, que desmorona quando o cobertor fica curto, em qualquer circunstância³⁰.

Por outro lado, é interessante notar que a modernidade enquanto tal é uma espécie de Hydra, monstro grego de várias cabeças que cada vez que se cortava uma cabeça cresciam outras duas, até que Hercules deu-lhe uma pedrada e a matou.

Nada contra o método científico, pelo amor de Deus. Mas depois de tragédias nunca dantes imaginadas pelo homem, frutos diretos da árvore da modernidade: guerras mundiais, o nazismo, o comunismo, Hiroshima, aquecimento global etc., tem um monte de gente que acha que a ciência é o critério máximo do que quer que seja em todos os âmbitos! Peralá!

G. Corção, Dois Amores Duas Cidades, pg. 45, “Um milhão de maravilhas da ciência não consolam o namorado infeliz; não detém as lágrimas do pai que perdeu o mais belo dos meninos”

É curioso observar como o homem contemporâneo é (de um modo geral) moderno no campo do conhecimento, mas justamente por que o conhecimento é meramente pragmático ou experimental, é pós-moderno (relativista) no campo moral³¹. Pelo seu conhecimento insuficiente do que é o homem.

²⁹ “O gênero humano não pode suportar muito a realidade” T.S. Eliot.

³⁰ É interessante notar que a religião mais tipicamente pós-moderna é a chamada “Nova Era”, uma mistura de várias crenças variadas e contraditórias, que se opõe tanto à modernidade quanto ao cristianismo. Esperam, além disso, a “Era de Aquário” (nova era), deixando para trás a “Era de Peixes”, ou era cristã (peixe, ICTOS, como símbolo do cristianismo).

³¹ A estupidez dos cientistas é um tema muito interessante:

“a ciência experimental progrediu em boa parte mercê do trabalho de homens fabulosamente medíocres, e menos que medíocres. Quer dizer, que a ciência moderna, raiz e símbolo da civilização atual, deu guarida dentro de si ao homem intelectualmente médio e lhe permite operar com bom êxito.”

Ortega y Gasset, Rebelião das massas

“Porque outrora os homens podiam dividir-se, simplesmente, em sábios e ignorantes, em mais ou menos sábios e mais ou menos ignorantes. Mas o especialista não pode ser submetido a nenhuma destas duas categorias. Não é um sábio, porque ignora formalmente o que não entra na sua especialidade; mas tampouco é um ignorante, porque é “um homem de ciência” e conhece muito bem sua porciúncula de universo. Devemos dizer que é um sábio ignorante, coisa sobremodo grave, pois significa que é um senhor que se comportará em todas as questões que ignora, não como um ignorante, mas com toda a petulância de quem na sua questão especial é um sábio.

E, com efeito, este é o comportamento do especialista. Em política, em arte, nos usos sociais, nas outras ciências tomará posições de primitivo, e ignorantíssimo; mas as tomará com energia e suficiência, sem admitir – e isto é o paradoxal – especialistas dessas coisas.”

Ortega y Gasset, Rebelião das massas

Comentário sobre o livro New Atlantis de Francis Bacon:

...a contínua prática das medidas exatas acaba embotando o entendimento; mas no que diz respeito a a combinar, coordenar, integrar e aplicar as abstrações dos que têm capacidade de intuir, abstrair e

Alguns tipos de relativismo

Fazer uma taxonomia de todas as espécies de relativismo é uma tarefa um tanto complicada. Há vários tipos, com várias intensidades. Vamos ver alguns, apenas.

Vamos 3 autores +? Significativos. Há muitos outros, mas vamos procurar entender através deles as idéias gerais do movimento.

Nietzsche, Vattimo e Popper. São bem diferentes entre si, mas fornecem uma visão de conjunto

Nietzsche - niilismo - ateísmo (ateísmo diferente dos modernos)

Vattimo - bananismo

Popper – neocientificismo humilde e negação da metafísica

Nihilismo forte

Nietzsche³² (1844-1900) é o ponto de inflexão entre a modernidade e a pós-modernidade.

Nietzsche é um autor anti-tudo. Anti-iluminista, anti-cristão, anti-clássico, anti-ele mesmo (por suas numerosas contradições). Aí não sobra nada.

Percebe que a modernidade e o projeto iluminista, do ponto de vista moral (moral axiológica de Kant: ápice teórico da moral protestante – autonomia do agente moral, imperativo categórico, respeito às máximas universais³³), são intrinsecamente inviáveis (para MacIntyre em *After Virtue*, é o a melhor crítica que se fez à modernidade, no campo moral).

No centro disso está o próprio projeto ético da modernidade, o jus positivismo por exemplo, ou o bom pagão no estilo Victor Hugo (p.ex. Gilliat, *Os trabalhadores do mar*). Não funciona. É hipocrisia, é uma forma de dominação dos senhores sobre os escravos. Por que é uma moral que de um jeito ou de outro deriva da vontade dos senhores, na medida em que rejeitou a moral clássica aristotélica, baseada numa antropologia. Para Nietzsche a moral é algo que deriva da vontade, sim, mas de cada indivíduo.

generalizar, não poderia Bacon desejar melhor. O técnico que ele entrevia, inimigo da metafísica e da filosofia, amigo do mundo das experiências, no qual não são precisas qualidades superiores às comuns e onde por vezes até convém qualidades inferiores às normais, realizá-lo-ia plenamente o americano do século XX.

Vianna Moog, *Bandeirantes e pioneiros*, 19a. ed., pg. 153

³² Para um ensaio breve: Nietzsche por José Lino C. Nieto,

<http://www.quadrante.com.br/Pages/servicos02.asp?id=64&categoria=Filosofia>

³³ Na moral iluminista os juízos morais são imperativos em si e portanto arbitrários, não susceptíveis a verdade ou falsidade. É e acabou.

A moral bacana é a da vontade de poder, da luta pela sobrevivência e dominação. Orgulho, autonomia em relação a Deus, egoísmo passam a ser virtudes (em absoluta oposição, por exemplo, às bem-aventuranças).

O que funciona é a vontade de poder, caso o cara tenha acesso ao poder (superhomem). E o p/ o povão, sobra o prazer, a cachaça, o sexo, a pança cheia³⁴.

Numa perspectiva atéia, é isso mesmo. Dostoiévski (“Se Deus não exististe etc”). A Filosofia clássica, mesmo pré-cristã, acredita em Deus, um ou vários.

O pagão é super religioso (a ponto da natureza e Deus se identificarem). Mitologia grega: parece que os atributos, e principalmente a providência de Deus, se dividem entre vários deuses.

Mas para o ateu, para quem Deus morreu, a única coisa que sobra é a volúpia de poder ou de prazer, ou se possível os dois³⁵. Na realidade, o ateísmo é um fenômeno muito antigo, muito anterior à própria era cristã³⁶.

³⁴ Diga-se de passagem, são dois processos que se realimentam, na medida em que "se a economia vai bem não tem problema roubar" ou "não tem problema a falta de liberdade civil" como na china. O banana infantilizado onanista é o cidadão ideal do super-governo.

P.ex. combate ao fumo + legalização da droga. O fumo mata de câncer, não imbeciliza ninguém. A droga sim.

É interessante notar que a própria a esquerda abandonou a luta revolucionária por um mundo pretensamente mais justo, se dedica a causas pequeno-burguesas, que ao mesmo tempo são extremamente convenientes para um projeto de poder. Pão é circo (futebol).

A única força organizada que se opõe a esse projeto de poder é o cristianismo - por isso obsessão para acabar com cristianismo, por dentro e por fora (crise por conciliar, Gramsci).

³⁵ É interessante notar que o nihilismo já aparece na tradição judaica, com o conceito de insensato, como aparece no Salmo 52, 2. Diz o insensato em seu coração: Não há Deus. Corromperam-se os homens, seu proceder é abominável, não há um só que pratique o bem.

Ou no Livro da Sabedoria, Capítulo 2, 1. Dizem, com efeito, nos seus falsos raciocínios: Curta é a nossa vida, e cheia de tristezas; para a morte não há remédio algum; não há notícia de ninguém que tenha voltado da região dos mortos. 2. Um belo dia nascemos e, depois disso, seremos como se jamais tivéssemos sido! É fumaça a respiração de nossos narizes, e nosso pensamento, uma centelha que salta do bater de nosso coração! 3. Extinta ela, nosso corpo se tornará pó, e o nosso espírito se dissipará como um vapor inconsistente! 4. Com o tempo nosso nome cairá no esquecimento, e ninguém se lembrará de nossas obras. Nossa vida passará como os traços de uma nuvem, desvanecer-se-á como uma névoa que os raios do sol expulsam, e que seu calor dissipa. 5. A passagem de uma sombra: eis a nossa vida, e nenhum reinício é possível uma vez chegado o fim, porque o selo lhe é apostado e ninguém volta. 6. Vinde, portanto! Aproveitemo-nos das boas coisas que existem! Vivamente gozemos das criaturas durante nossa juventude! 7. Inebriemo-nos de vinhos preciosos e de perfumes, e não deixemos passar a flor da primavera! 8. Coroemo-nos de botões de rosas antes que eles murchem! 9. Ninguém de nós falte à nossa orgia; em toda parte deixemos sinais de nossa alegria, porque esta é a nossa parte, esta a nossa sorte! 10. Tiranizemos o justo na sua pobreza, não poupemos a viúva, e não tenhamos consideração com os cabelos brancos do ancião! 11. Que a nossa força seja o critério do direito, porque o fraco, em verdade, não serve para nada.”

³⁶ Livro da Sabedoria, Capítulo 13, 1. “São insensatos por natureza todos os que desconhecaram a Deus, e, através dos bens visíveis, não souberam conhecer Aquele que é, nem reconhecer o Artista, considerando suas obras. 2. Tomaram o fogo, ou o vento, ou o ar agitado, ou a esfera estrelada, ou a água impetuosa, ou os astros dos céus, por deuses, regentes do mundo. 3. Se tomaram essas coisas por deuses, encantados pela sua beleza, saibam, então, quanto seu Senhor prevalece sobre elas, porque é o criador da beleza que fez estas coisas. 4. Se o que os impressionou é a sua força e o seu poder, que eles

Inicialmente, teve grande influência na mentalidade alemã que influenciou o “germanismo” e depois o nazismo e aos outros regimes totalitários do começo do século, no sentido “positivo” da sua filosofia: o homem é bom pracaramba!³⁷

É interessante que a grande “tomada de consciência” desse niilismo não foi na época de Nietzsche, mas depois, no sentido “negativo”: tudo é uma e mesma merda³⁸ ...

Inicialmente, percebe-se um prelúdio niilista nos anos 20, República de Weimar, expressionismo (pintura e cinema, Murnau, Fritz Lang, Munch, O Grito), Kafka, que vai para o brejo com o nacional socialismo.

Entretanto, o nihilismo explode no ocidente no movimento de 68, com a contracultura, e no oriente com a Revolução Cultural na China, Khmer Vermelho no Camboja e movimentos semelhantes³⁹.

Dio é Morto, Francesco Guccini e i Nomadi, 1967

Ho visto

La gente della mia età andare via

Lungo le strade che non portano mai a niente

Cercare il sogno che conduce alla pazzia

Nella ricerca di qualcosa che non trovano nel mondo che hanno già

....

compreendam, por meio delas, que seu criador é mais forte; 5. pois é a partir da grandeza e da beleza das criaturas que, por analogia, se conhece o seu autor. 6. Contudo, estes só incorrem numa ligeira censura, porque, talvez, eles caíram no erro procurando Deus e querendo encontrá-lo: 7. vivendo entre suas obras, eles as observam com cuidado, e porque eles as consideram belas, deixam-se seduzir pelo seu aspecto. 8. Ainda uma vez, entretanto, eles não são desculpáveis, 9. porque, se eles possuíram luz suficiente para poder perscrutar a ordem do mundo, como não encontraram eles mais facilmente aquele que é seu Senhor? 10. Mas são desgraçados e esperam em mortos, aqueles que chamaram de deuses a obras de mãos humanas: o ouro, a prata, artisticamente trabalhados, figuras de animais, alguma pedra inútil, a que, outrora, certa mão deu forma.”

³⁷ Esta não é uma opinião compartilhada por todos os comentaristas, e Nietzsche não era anti-semita, apesar de considerar os judeus como precursores da “moral de rebanho” pela sua vinculação a códigos e prescrições divinas. Por outro lado, Atribuir um certo classicismo ao nazismo é epidémico. As motivações mais profundas estavam na modernidade e na emancipação do homem em relação a Deus (ubermensch).

³⁸ Um exemplo do nihilismo na cultura beat contemporânea é o poema “Howl” de Allen Ginsberg: “I saw the best minds of my generation destroyed by madness, starving hysterical naked, dragging themselves through the negro streets at dawn looking for an angry fix”, etc. <http://www.idiom.com/~wcs/howl.html>

³⁹ É interessante notar que ditadura cultural marxista no ocidente, em especial na América Latina e no Brasil, foi um processo gramsciano muito bem arquitetado pelo comunismo soviético, que visava destruir as instituições de dentro para fora – incluindo a universidade, a Igreja e as Forças Armadas – para realizar a revolução. Em grande medida, os objetivos deste movimento foram atingidos, não obstante a derrocada da União Soviética e seus satélites.

E un Dio che è morto
Ai bordi delle strade Dio è morto

...

Mi han detto che questa mia generazione ormai non crede
In ciò che spesso han mascherato con la fede
Nei miti eterni della patria o dell'eroe
Perché è venuto il momento di negare tutto ciò che è falsità

Le fedi fatte di abitudini e paura
Una politica che è solo far carriera

....

E un Dio che è morto
Nei campi di sterminio Dio è morto
Coi miti della razza Dio è morto
Con gli odi di partito Dio è morto.

...

Perché noi tutti ormai sappiamo che se Dio muore è per tre giorni
E poi risorge
In ciò che noi vogliamo Dio è risorto
Nel mondo che faremo
Dio è risorto

De fato, existe uma convergência entre a filosofia de Nietzsche e o cristianismo, já que de fato Deus morreu, com a morte de Cristo na cruz. Mas se, parafraseando a canção, deus não é risorto, ou numa perspectiva imanente da morte de Cristo⁴⁰, não se entende por exemplo o sofrimento⁴¹ dos inocentes. Nessa perspectiva, Deus estaria realmente morto. Nietzsche e o cristianismo são muitas vezes convergentes nos diagnósticos⁴², mas radicalmente opostos nas respostas.

Nihilismo pós-moderno⁴³

O que sobra: se Deus (e os clássicos) estão mortos, e se a modernidade é morta (depois das 2 grandes guerras)?

Nega explicitamente a possibilidade de qualquer tipo de conhecimento válido que não seja de tipo operacional, técnico, e mesmo assim provisório.

Filosoficamente, essa escola é conhecida hoje como “pensiero debole” (Gianni Vattimo⁴⁴)

⁴⁰ Como na visão de Sérgio Quinzio, *La Sconfitta di Dio*, Adelphi, Milano, 1992.

⁴¹ Para uma análise do problema do sofrimento, ver Encíclica *Fides et Ratio*, Cap II – *Credo ut intellegan*, especialmente o ponto 23. Ver tb. João Paulo II, encíclica *Dives in Misericórdia*.

⁴² Nenhuma das duas visões é indiferente diante do problema de Deus.

⁴³ A melhor referência que conheço para entender a pos-modernidade é *La Nueva Sensibilidad*, Alejandro Llano, 1988, Espasa-Calpe, Madrid. Ver tb. *Entender el mundo de hoy*, Ricardo Yepes Stork, Ed. Rialp.

⁴⁴ Professor de Filosofia Teórica na Universidade de Turim.

Nada se pode afirmar de nada (niilismo). Mas o pensamento débil é um nihilismo light, não hardcore como o de Nietzsche.

O Übermensch do Also sprach Zarathustra, o homem superior pagão do tipo Ziegfried do Anel dos Nibelungos, acima e liberado da moral opressiva de Deus, é redefinido como um “Outrohomen” por Vattimo. Esse Outrohomen é um indivíduo sobre o qual não mais recai o peso da responsabilidade moral, tanto da ética cristã quanto dos sistemas totalitários.

(Insustentável leveza do ser, Milan Kundera)

Com inspiração materialista, o Outrohomen não possui a liberdade real que deriva do fato de ser sempre punível por Deus, pela sua liberdade radical, como considera o cristianismo. É um homem que deve aceitar ser levado pelas circunstâncias, tolera-las (tolerância), aceitar o seu próprio destino histórico, a sua época (e portanto o que diz a Época).

É o ser poroso, contraditório, policêntrico, privado de univocidade etc., que portanto não pode ser sujeito forte de uma responsabilidade forte, é um homem des-culpado, des-responsabilizado, alguém que deve obedecer a deriva destinal da existência. E também de um CONHECIMENTO FORTE, ISTO É, VERDADEIRO (seja que tipo de verdade for). Caso contrário, é um intolerante.

Niilismo tropical

Admitem que existem verdades mais ou menos universais. Se a Superinteressante (representante máximo do saber científico) faz uma afirmação, ok, deve estar certo. Se no próximo número fizer uma afirmação exatamente contrária sobre o mesmo assunto, ok, deve estar certo.

Tudo bem, há verdade. Mas ela é sempre de natureza prática, contingente, acessória, convencional, mutável.

É a turma do deixa disso, dos panos quentes. Moral de consenso. “Futebol, política e religião são coisas que não se discutem”. Ok. Vamos discutir então o que? Normalmente mulher (ou homem, dependendo do público).

É tudo muito complicado. Para um cara desse, um esforço positivo para alcançar um ordenamento social, ou mesmo instituições não governamentais, que pudessem ajudar os homens a melhorar a sua conduta (educação não meramente informativa), é algo que nem passa pela cabeça.

Vamos tocando. Corrupção? É melhor não, mas às vezes não tem jeito, né? Todo mundo rouba... Violência? Só quando pisam no meu calo. No fundo é um indivíduo incapaz de pensar por si mesmo e para ele tudo é relativo em função da moda, da opinião pública, do Fantástico ou do que for.

Esse cara é perigosíssimo, por que numa democracia é ele quem manda.

Ortga y Gasset, Rebelião das Massas – “O tolo não suspeita de si mesmo: julga-se discretíssimo, e daí a invejável tranqüilidade com que o néscio se assenta e instala em sua inépcia. Como esses insetos que não há maneira de extrair do orifício em que habitam, não há modo de desalojar o tolo de sua tolice, levá-lo de passeio um pouco além de sua cegueira e obrigá-lo a que contraste sua visão grosseira habitual com outros modos de ver mais sutis. O tolo é vitalício e impermeável. Por isso dizia Anatole France que o néscio é muito mais funesto que o malvado. Porque o malvado descansa algumas vezes; o néscio, jamais.”

O Brasil é considerado um grande pólo cultural deste tipo de niilismo. Na Época de 9 de abril de 2007, há uma entrevista com o filósofo italiano Giuliano da Empoli, que fala de uma brasilização do mundo, em contraposição a uma hiper-racionalidade dos países ocidentais desenvolvidos. O Brasil antecipou várias coisas, como: boom mundial das cirurgias estéticas, telenovelas – culto do prazer, do momento, da jogada de futebol efêmera e fascinante. Nada contra, não queremos dizer que o divertimento é uma alienação. Mas quando toda a vida, na sua totalidade cósmica é diversão e superficialidade, alguma coisa está errada⁴⁵.

Existe um desenvolvimento ao longo de todo esse processo de algo que poderíamos chamar de **filosofias críticas**.

O grego/medieval é um otimista a priori em relação à inteligência. Admite as proposições de antemão como plausíveis, e se põe a estudá-las e criticá-las. É o “parece que”/ “sed contra” de São Tomás na Suma Teológica.

O protestante é cético em relação ao próprio homem e à sua razão, devido à omniabrangência opressiva do pecado original.

O iluminista é cético em relação ao que não for ciência experimental. Ele quer condenar o pensamento humano à superficialidade das coisas óbvias, evidentes, superficiais mesmo. A superficialidade passa a ser o critério de “seriedade” do conhecimento; e se esse conhecimento não for capaz de resolver os problemas fundamentais (profundos, nos fundamentos) do homem⁴⁶? Paciência. O homem está condenado à infelicidade, ou quando muito a consolar a sua ânsia de felicidade com a mera satisfação das suas necessidades físicas.

⁴⁵ “Peer Gynt – escreve o dramaturgo norueguês Ibsen – se parecia a uma cebola, que se vai desmanchando sem chegar nunca a um ponto sólido. A vida para ele não consistia mais do que uma sucessão de meses e anos que o vento leva, sem nunca chegar a um centro resistente. O único epitáfio que se poderia gravar na lousa da sua tumba seria este: *aqui não jaz ninguém*.” Alguém poderia dizer que os Peer Gynt povoam a Terra e e a cobrem por todos os lados de campos de cebola.

A. Llano, La vida lograda, Ed. Ariel, p. 83

⁴⁶ “...se descobre assim que - porquanto avancem e acumulem conhecimentos científicos e aplicações tecnológicas - a ciência se ocupa somente do como, não do porque. Não poderia fazer outra coisa: por sua própria natureza, pode só descrever, não pode explicar.” Pg. 53, Vittorio Messori, Quache ragione per credere

O romântico é como o Tim Maia: só quero amar, só quero amar, só quero amar!

O pós moderno é cético em relação a tudo, menos ao próprio ceticismo.

Fides et ratio, n. 5 “Foi assim que a razão, sob o peso de tanto saber, em vez de exprimir melhor a tensão para a verdade, curvou-se sobre si mesma, tornando-se incapaz, com o passar do tempo, de levantar o olhar para o alto e de ousar atingir a verdade do ser. A filosofia moderna, esquecendo-se de orientar a sua pesquisa para o ser, concentrou a própria investigação sobre o conhecimento humano. Em vez de se apoiar sobre a capacidade que o homem tem de conhecer a verdade, preferiu sublinhar as suas limitações e condicionalismos.”

Relativismo poperiano

A partir do início do século 20 aparece um grupo de neo-positivistas chamado Circulo de Viena. Está até hoje ativo, como uma espécie de neo-iluminismo, junto com a Escola de Frankfurt (de inspiração marxista) e a filosofia analítica da linguagem (UK e EUA).

Todos essas escolas dizem: a verdade existe sim, e nós sabemos como alcançá-la, desde que se observem as regras que nós estabelecemos. Que é essencialmente o método científico-experimental, a indução.

Se eu conseguir provar a minha teoria, através da correta aplicação do método científico-experimental, chego à verdade. A verdade sempre aumenta ao longo da atividade científica. é o grande estereotipo do cientista iluminado.

Testando uma hipótese com n suficientemente grande pode-se chegar numa proposição verdadeira (o problema é que esse é o ÚNICO critério de verdade. Há muita coisa nessa vida que não é possível proceder empiricamente, como no conto do Curioso Impertinente que aparece no Don Quixote⁴⁷).

Popper substitui a verificabilidade pela falseabilidade. O fato do fenômeno ocorrer n vezes não permite afirmar que ele vai ocorrer n+1 vezes (David Hume).

Teoricamente, seria possível em algum momento verificar algum aspecto que demonstra empiricamente que aquela teoria é furada.

Assim, uma teoria científica está sempre em estado falseável, e só é científica se estiver neste estado.

⁴⁷ “Refiere la historia de dos amigos llamados Lotario y Anselmo, y de la esposa de éste, Camila. Anselmo, presa de una impertinente curiosidad, pide a Lotario que corteje a Camila, para saber si ésta le es fiel. Al principio, Camila rechaza indignada las pretensiones de Lotario, y Anselmo queda muy satisfecho de la fidelidad de su mujer, pero decide que Lotario insista. A fin de cuentas, Lotario y Camila se convierten en amantes, mientras Anselmo continúa convencido de la lealtad de ambos. Una circunstancia imprevista hace, sin embargo, que se descubra toda la verdad; Camila huye de su casa, y Anselmo muere de pesar al momento de escribir la causa de su muerte. ” Fonte: wikipedia.

O critério de cientificidade passa a ser a falseabilidade (o estado de refutabilidade) e não a verificabilidade⁴⁸.

É uma grande sacada. Que introduz uma humildade de fundo nas ciências que me parece muito positiva.

Princípio da falseabilidade: as asserções podem ser significantes (sensata, que diz coisa com coisa) não falsificáveis e significantes falsificáveis. As asserções metafísicas (o todo é maior que a parte, os corpos materiais são compostos de matéria prima e forma substancial etc.) estão no primeiro grupo, enquanto as asserções científicas (entendidas como ciência experimental) no 2o.

Para Popper, o critério de falseabilidade não originalmente é um critério de significância, mas de "cientificidade", ao contrário de Wittgenstein e de um Popper posterior mais radicalizado.

Popper introduz um problema sério com relação ao prestígio intelectual da metafísica, por que atribui um significado ambíguo ao termo "metafísica":

Popper coloca no saco das proposições metafísicas: cartesianismo, a mecânica quântica quando foi bolada, a evolução das espécies, a psicanálise, a teoria das infecções bacterianas etc. - como programas de pesquisa metafísica com grande influência na ciência (são as grandes intuições, as grandes perguntas que motivam a ciência mas não são ciência) - e tb. proposições absurdas nunca verificadas (existe a pedra filosofal, ou o Nessie) e tb. a "ciência do ser como ser" de Aristóteles, que passa a ser excluída do âmbito da ciência e rotulada de anti-científica.

Metafísica para Popper: intuições científicas, pseudo-ciência, conjecturas genéricas, arte e metafísica de Aristóteles!

O principal alvo era a psicanálise e o marxismo (exemplo do início de Tempos Modernos, comparando Einstein e Freud). A grande contribuição de Popper é um critério de inexistência de verdades absolutas, monolíticas, intocáveis, dogmáticas, omniabrangentes, como o marxismo, o historicismo etc., e de certo modo hoje o darwinismo. Debates sobre o início da vida humana, especialmente as posições que negam o início da vida na fecundação, são proposições não-falseáveis. Não são nem demonstráveis nem questionáveis cientificamente⁴⁹.

⁴⁸ A disputa do Galileu com a Inquisição não foi quem gira ao redor do que, mas se a proposição "a Terra gira ao redor do Sol" era uma conjectura, uma hipótese, ou um fato consumado. E pelas informações que Galileu mostrou, era realmente uma hipótese, pois estavam furadas. O Card. Belarmino antecipa a filosofia da ciência de Popper em 3 séculos. Para entender o caso Galileu, ver: Juan Arana, Galileu: el hombre, el filósofo, el teólogo, Atlántida, Vol.1, No. 2, 1990; J. P. Lentin, Penso, logo me engano, Ed. Ática, 1994; notas de uma aula minha sobre o caso: http://auladout.tripod.com/caso_galileu.pdf

⁴⁹ Por exemplo: "Se o embrião não implanta, não vira nada, isso é o fato. Sem implantação não há placenta, e sem placenta não há pessoa." (Agnaldo Cedeno, UNIFESP); "Sem útero, não há vida"

Mas a **ciência do ente** vai junto. Aí ele coincide com os seus inimigos neopositivistas, que diziam que "a metafísica é um modo paradigmático de conhecimento não-científico". Como se todo tipo de conhecimento válido devesse ser de tipo científico. Como aquele poema do Fernando Pessoa "todas as cartas de amor são ridículas, mas não seriam ridículas se não fossem cartas de amor. Mas só as pessoas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas"

Popper tenta ser pós moderno e acaba sendo moderno mesmo. Dá uma volta enorme p/ chegar no mesmo lugar.

É inválida toda a arte? Toda a poesia? Todo o amor entre as pessoas ao longo de todos os tempos⁵⁰? Todas as pessoas que deram a vida por um ideal (necessariamente "metafísico")? Max Sheller, seguindo Pascal, fala de uma ordem do coração a priori, uma lógica do coração⁵¹.

E a própria matemática (álgebra não é empiricamente falseável)?

O cientificismo é um negócio de louco! Louco no sentido de Chesterton: louco é o indivíduo que perdeu todas as coisas, excetuando-se a razão. Nega as realidades mais diretas e mais evidentes e existencialmente mais relevantes para o homem⁵².

Giovani Reali (Saber dos Antigos) propõe justamente que ciência e metafísica são coisas diferentes, mas procurando reencontrar o sentido positivo da metafísica, voltando-nos para os pensadores gregos e superando o cientificismo. Superar no fundo o grande problema da modernidade que é ficar com o **ou** em detrimento do **e**⁵³.

A ciência versa sobre uma parte do ser, sobre o acidente extensão. Mas há muito mais conteúdo, muitos outros acidentes do ser, que vão muito além da extensão. No âmbito antropológico, fenomenologicamente, a tese popperiana não se sustenta.

Eu não vejo problema nenhum em aplicar o falseacionismo à ciência - sabendo que a ciência é só ciência, nada mais.

(Mayana Zatz, USP); "O embrião é vida, mas não é um ser humano" (Irene Yan, USP). Declarações extraídas do artigo "Quando começa o ser humano?", Herton Escobar, O Estado de São Paulo, 29/07/2007.

⁵⁰ La persona umana non è, d'altra parte, soltanto ragione e intelligenza, che pur ne sono elementi costitutivi. Porta dentro di sé, iscritto nel più profondo del suo essere, il bisogno di amore, di essere amata e di amare a sua volta., Bento XVI, Discorso ai partecipanti al IV Convegno Nazionale della Chiesa Italiana, 2006

⁵¹ O que coincide com a tradição bíblica da *sapientia cordis*. Por exemplo, Salmo 18: "9 Os preceitos do Senhor são retos, deleitam o coração; o mandamento do Senhor é luminoso, esclarece os olhos." Ou Eclesiástico, 21, 29. "O coração dos insensatos está na boca, a boca dos sábios está no coração."

⁵² A cisão entre o intelecto prático e o especulativo é uma das grandes causas da *imprudência*, raiz fundamental da decadência da ética moderna.

⁵³ Este é um conceito largamente explorado pelo escritor italiano Vittorio Messori, no livro *Qualche ragione per credere*, Ed. Ocare Mondadori. É também sintomático, em sentido contrário, do iluminista Flores D'Arcais, *Aut fides aut ratio*, MicroMega, no.5, 1998, pg. 187-214.

A grande picaretagem está justamente em querer resolver os problemas e os dilemas humanos com métodos auto-batizados de científicos, que por sua vez não atendem aos critérios de falseabilidade (psicanálise, marxismo).

Problemas humanos de tipo existencial se resolvem com meios autenticamente humanos: com virtudes, ética, amor, amizade, arte, oração, contemplação da beleza (a ciência tem em si uma dimensão contemplativa). E a ciência e a técnica que resolvam os problemas de ordem prática, no que fazem muito bem e são muito úteis.

Isso também não quer dizer que as proposições de tipo metafísico sejam anti-científicas e muito menos irracionais. Muito pelo contrário! Além do que, em muitos casos a verificação é empírica, através do método fenomenológico (observação intencional dos fenômenos).

Uma coisa é o método experimental que se usa nas ciências naturais. Outra é a observação e a descrição mais ou menos sistemática dos fenômenos associados ao comportamento humano.

De qualquer modo, tudo isso exige a existência do objeto, da coisa. Coisa essa que possui vários aspectos, várias partes. E a "lógica" das partes não pode ser estendida ao todo! No caso do homem, esse problema é fundamental: estender a "lógica" do corpo a toda a realidade humana. Lá se foi a liberdade, numa dessas.

O problema é levar longe demais a aplicabilidade do critério, negando junto a existência de verdades universais (conforme dizíamos no começo, base da teoria do conhecimento clássica), ainda que parciais de uma verdade complexa.

Como construir, por exemplo, uma ética sobre essa base? É complicado. A filosofia, como um todo, não pode afirmar nada de nada, por que os métodos são diferentes, não são falseáveis no sentido empírico. Esse é o grande problema do Popper: extrapolar um critério interessante das ciências experimentais para todo o âmbito da racionalidade, o que não se pode fazer de jeito nenhum.

Um outro fato enfraquece a teoria do Popper que é o fato dela mesma não ser falseável. A falseabilidade é não falseável e, portanto, não científica....

Popper é uma espécie de S. Tomás (grande síntese) ou de Kant da filosofia pós-moderna, como estes autores foram os grandes representantes da filosofia clássica e do iluminismo.

Mas que tem contribuições importantes se for aplicado no âmbito correto.

Antropologia filosófica realista

Partimos de uma base filosófica que é a metafísica, no seu sentido aristotélico⁵⁴:

“Metafísica é a ciência que estuda o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal.”⁵⁵ Estuda o “inteiro” do ser, não suas partes especificamente (como as chamadas *ciências particulares*).

A metafísica inclui o ser material como parte do ser, não como todo o ser!

Antropologia filosófica: É um estudo do homem enquanto homem, na sua integridade: corporal, espiritual, cultural, passado, presente e futuro, nos aspectos que o diferenciam dos demais seres e dos demais seres vivos. Na perspectiva da sua integridade, não de cada um de suas partes separadamente. É tentar responder a pergunta: o que é o homem?

Diferente da anatomia / fisiologia. Diferente da antropologia materialista de origem mais marxista ou capitalista⁵⁶ (*homo economicus*). Diferente da psicanálise freudiana.

Também é diferente da antropologia enquanto disciplina da sociologia. Que se preocupa sobretudo com as relações do homem enquanto membro de uma sociedade, e procuram utilizar ferramentas quantitativas para seus estudos. Não é o nosso caso, entre outros motivos que a “quantidade” não nos parece o elemento mais importante para entender o homem na sua totalidade.

Nossa abordagem: filosofia grega/helenística e a cultura. Vamos procurar criar uma estrutura filosófica e ir ilustrando o funcionamento (fenômeno⁵⁷) do homem através de exemplos da literatura, da música, da própria filosofia etc., que a nosso ver representam melhor o homem na sua totalidade do que os métodos quantitativos de análise sociológica.

A metafísica de Aristóteles será um instrumento, uma base filosófica da qual usaremos algumas definições para explicar o homem. Afinal, o homem é, tem ser, e portanto passível de uma análise de tipo metafísico ou ontológico. Mesmo que não pensemos nisso (existo mesmo sem pensar, parafraseando e invertendo Descartes)

⁵⁴ “Todas as ciências são mais necessárias do que esta, mas nenhuma será superior” Aristóteles, *Metafísica*.

⁵⁵ Aristóteles, *Metafísica*

⁵⁶ O capitalismo liberal mais convencional considera que o motor da economia é um toco buscador de lucros que se situa por cima de qualquer consideração ética e humana em geral: um agente maximizador de benefícios, calculador de ativos e passivos, galvanizado pelo incentivo de possuir cada vez mais, não se sabe para que. O mercado seria então a grande máquina cega dos intercâmbios, que converte a ambição e a inveja em um valor econômico. Alguns continuam acreditando que a riqueza das pessoas é uma espécie de contrato fáustico: um pacto com o diabo, mediante o qual os humanos conseguem riqueza a troca de ceder na cobiça, quer dizer, de destruir-se como pessoas. Seria o pior negócio de todos. A. Llano, *La vida lograda*, Ed. Ariel, 2002, pg. 64

⁵⁷ Aplicaremos, de maneira muito imprópria, o método fenomenológico como um auxílio para o estudo da antropologia filosófica.

É só um modelo. Velho e bom. Nada mais do que isso. Outros modelos são proponíveis, e efetivamente foram propostos. De qualquer modo, o modelo antropológico aristotélico, nossa base, é um sistema que se baseia, como em toda a filosofia aristotélica, na observação das coisas tal como elas se apresentam aos sentidos, o chamado **realismo filosófico**⁵⁸.

Ao longo da exposição desse modelo, vamos percebendo que ele não explica tudo, que tem um monte de furos, de ciclos não fechados. Que é um modelo errado. É evidente que é errado, senão não seria modelo. O único modelo certo é a própria realidade, que nós nunca apreendemos na sua totalidade. Ainda que a realidade muitas vezes não fecha o ciclo, por assim dizer. A realidade tem muitos paradoxos. E, justamente, modelos que tentam forçar a realidade a se encaixar dentro dele são justamente os **sistemas** que frequentemente se degeneram em **ideologias**⁵⁹.

Pontos mais importantes nesta abordagem filosófica de tipo clássico:

- As coisas são por si mesmas, independentemente de pensarmos nelas ou não;
- As coisas enquanto pensadas têm uma existência a parte, enquanto ser pensado;
- O nosso conhecimento se constrói a partir do conhecimento das coisas reais, da observação (nihil est in intellectus quis non prius fuerit in sensus), em oposição à metafísica kantiana.
- O nosso raciocínio se desenvolve no âmbito do nosso intelecto, “combinando” e realizando operações lógicas com **conceitos** que foram construídos intelectualmente por nós e pela sociedade a partir da observação de entes singulares, com ser próprio neles mesmos;

Ao mesmo tempo, é um **sistema aberto de pensamento**, que permite todo tipo de contestação e aperfeiçoamento sem que o edifício vá à ruína, mas mais propriamente se reforça com a contestação das suas proposições.

Não temos a pretensão de fazer uma “filosofia de ponta” aqui. Longe disso, até por que não tenho formação para isso, e por que não é, me parece, o interesse de vocês. Mas vamos, com toda a certeza, mostrar algo **diferente** do que está

⁵⁸ Opondo-se assim, em linhas gerais pelo menos, ao idealismo kantiano e ao nominalismo ockamista, que estão na base do projeto iluminista.

⁵⁹ Talvez a mais importante das bases psicológicas para a formação das ideologias é a ligada ao ressentimento (...). Para resumir, podemos dizer que o ressentido nega o valor daquilo que não pode atingir. O ressentido passa a considerar mau o bom, pequeno o grande, feio o belo, simplesmente por estar fora do alcance do seu poder, como a raposa da fábula que considerou verdes as inatingíveis uvas. É um caso de desvalorização de valores.

João Camilo de Oliveira Torres, *Interpretação da Realidade Brasileira*, pg. 10, 1969, Livraria José Olympio Ed.

Podemos dizer que as posições ideológicas nascem de um primado da vontade sobre o conhecimento, são atos fundados numa decisão da vontade (no sentido amplo, não apenas de “apetite intelectual”, para usar do jargão escolástico). Uma decisão política é muito mais uma decisão do que uma deliberação.

João Camilo de Oliveira Torres, *Interpretação da Realidade Brasileira*, pg 8, 1969, Livraria José Olympio Ed.

por aí. Não que seja original. Vamos abordar alguns problemas que sim, estão por aí, num enfoque diferente, que é o clássico, num mundo que deixou de ser clássico há muito tempo, se é que um dia o foi.

Estaremos sempre indo e vindo com exemplos: vida cotidiana, literatura, música etc. Isso faz parte do realismo filosófico, que nunca pode se separar da realidade das coisas, mesmo que não as consiga interpretar de maneira plenamente satisfatória. Vamos assim tentar levar a cabo uma “reflexão empírica”. Em tempos de relativismo, precisamos de uma filosofia pé no chão.

As filosofias de tipo “sistema” parecem muito mais eficientes na interpretação “coerente” das coisas, mas passando por um processo de “filtragem” e muitas vezes distorção da realidade, através justamente da ideologia.

Nossa reflexão não pode ser nem um abstracionismo nem um irracionalismo pós-moderno. E deve levar, indiretamente, a respostas a problemas práticos, para que seja uma efetiva *sofia*, sabedoria.

Mas sem ser uma filosofia servil, pragmática, tipo administração de RH, tipo “Como fazer amigos e influenciar pessoas”, como “Os 7 hábitos das pessoas muito eficazes” é coisas do tipo. Deus me livre.

Uma observação: Não vamos entrar aqui no mérito dos substratos **neurofisiológicos** do comportamento, da inteligência, dos sentidos e mesmo dos sentimentos.

Evidentemente, tais processos fisiológicos estão implícitos em tudo o que estamos falando aqui, e de maneira nenhuma negados. Por uma questão metodológica não vamos entrar nessa problemática. Nossa exposição será de caráter filosófico.

Alguns pré-requisitos que seriam desejáveis, *mas que vamos tocando o barco sem eles*:

Filosofia especulativa, ou teórica:

- História da filosofia
- Ontologia
- Lógica menor e maior
- Teoria do conhecimento
- Filosofia da natureza

Filosofia prática

- Ética
- Estética

Alguns comentários:

Nosso curso é sobre filosofia prática ou especulativa? Ética ou antropologia filosófica? Principalmente, um curso de antropologia filosófica, mas com algumas incursões importantes na prática, na ética.

Como dizíamos no começo, a ordem com que os problemas serão expostos não é arbitrária; mas procuraremos construir um “edifício” filosófico, onde as idéias têm uma seqüência.

Um “setor” onde isso acontecerá com freqüência é no campo da **ética ou moral**. Pois bem, quando chegarmos lá, e isso vai levar um certo tempo, vamos procurar falar de uma **ética filosófica**, em contraposição a outros sistemas éticos de tipo **arbitrário**, especialmente de tipo positivista e consensual.

Pois bem, para chegarmos numa ética filosófica, precisaremos antes de mais nada estudar um pouco de filosofia! Como no futebol, antes de estudar jogadas elaboradas, treinar **fundamentos**.

Mas isso tem um problema intrínseco, que não é fácil de resolver: Problema da ética: permeia todo o curso. A concepção clássica da ética está baseada fortemente numa antropologia - filosofia prática do bem viver enquanto homem: muito distante de concepções modernas da ética, de tipo legalista-consensualista, consequencialista^{60, 61} e hedonista⁶². Na filosofia clássica a antropologia e a ética se estudam simultaneamente.

Por exemplo, o princípio da legalidade: “obedecer a lei é bom”. É diferente de: “o bom é obedecer a lei”⁶³.

Na antropologia clássica, moral e ética são sinônimos - moral comportamento interno e ética externo (nos piores casos, seguir um código de ética)– Na tradição clássica não existe essa distinção na medida em que agitur sequere esse.

⁶⁰ Um exemplo da ética consequencialista são concepções correntes de bioética: “Justificativa” do Curso de especialização em ética aplicada e bioética, FIOCRUZ, Catalogo de cursos, 2006: “Do ponto de vista epistemológico e metodológico a Bioética é um instrumento disciplinar de análise racional e imparcial dos conflitos morais que visa resolver tais conflitos, respeitando a força dos argumentos e ponderando as conseqüências de uma determinada escolha, propondo, quando for possível, os melhores resultados possíveis (ou menos ruins). Assim sendo, a Bioética é tanto descritiva quanto normativa e prescritiva. Em particular, a bioética questiona o caráter “absoluto” e “descontextualizado” dos valores, direitos e princípios, num mundo onde de confrontam *de facto* interesses e valores não necessariamente redutíveis a fundamentos estabelecidos *a priori* e válidos *per se*, nem a denominadores e jogos de linguagem (metarrelatos) comuns.”

Esta concepção nega a existência de valores morais estabelecidos *a priori*, mas não oferece nada objetivo em troca, a menos de uma pretensa maximização de bens ou minimização de danos. Por um lado, não apresenta um critério objetivo de escolha do que é “melhor resultado”, ou “menos ruim”, como costuma ocorrer na ética consequencialista. Por outro lado, não é capaz de fixar limites à intervenção da técnica sobre o homem, onde certas práticas seriam intrinsecamente perversas em quaisquer circunstâncias e para qualquer indivíduo.

⁶¹ “Mas a água só é limpa nas cabeceiras. O mau ou o bem estão em quem faz; não é no efeito que dão.” João Guimarães Rosa, Grande Sertão

⁶² “Não deliberes com loucos, pois só amam o que lhes agrada.”, Eclesiástico, cap. 20.

⁶³ Os dois exemplos mais importantes de textos da antiguidade que contestam o legalismo são a Apologia de Sócrates, de Platão, e Antígona, de Sófocles.

Relação da disciplina com o cristianismo e as outras religiões

Como já dissemos antes e voltaremos a falar no assunto, não se pode prescindir tanto do senso religioso, de um modo geral, quando do fato do cristianismo no pensamento ocidental.

Já dissemos também que nossa proposta filosófica é mostrar a de que o projeto iluminista é um modelo esgotado (do ponto de vista filosófico e moral, não do ponto de vista científico, evidentemente), que trouxe e continuará trazendo inúmeros sofrimentos para a humanidade⁶⁴. E que o homem contemporâneo tem grande necessidade de voltar aos clássicos para estabelecer uma base objetiva de diálogo filosófico, especialmente no campo moral.

Essa proposta tem como base fundamental a filosofia clássica grega. Porém, não é possível prescindir do fato de que esta filosofia foi processada e incorporada no ocidente principalmente através do cristianismo.

O cristianismo não é uma filosofia. Ele é uma síntese de tipo religiosa que inclui: testemunho de fatos e ensinamentos objetivos, filosofia, filosofia, atitude existencial⁶⁵, cosmovisão, projeto cultural, um projeto ético, ascético, estético, místico e em inclusive com repercussões políticas e sociais. É tudo isso sem ser cada uma dessas coisas.

Assim sendo, o cristianismo "funciona" bem com a república e com a monarquia, por exemplo, com Platão e com Aristóteles, e até mesmo com Kant (ética dos valores de Max Scheller).

Do ponto de vista existencial, a caridade (eros ou ágape) dá um sentido existencial, unitário, totalizante ao homem, sem ser totalitário. Consegue assim absorver e processar, transformar, digerir doutrinas filosóficas diferentes e parciais, ordenando-as racionalmente, preenchendo lacunas de umas com as outras e funcionando com várias ao mesmo tempo.

⁶⁴ Para um estudo exaustivo das mortes de populações inteiras (democídio) eliminadas por regimes baseados em pressupostos ideológicos derivados do projeto iluminista, ver a página do Prof. R.J. Rummel, da Universidade do Havai: STATISTICS OF DEMOCIDE: Genocide and Mass Murder Since 1900. Sua estimativa atual é de 260 milhões de mortos, de 1900 a 1999. Colocados os corpos uns depois dos outros, dariam a volta na Terra 6 vezes. <http://www.hawaii.edu/powerkills/NOTE5.HTM>

⁶⁵ A atitude existencial cristã por excelência é o sentido da filiação divina: "Com efeito, Deus não é um "Pai" nem mesmo para aquele único outro monoteísmo fora do judaico-cristianismo, que é o islamismo. O devoto muçulmano, desfiando o seu rosário, invoca Alá com 101 nomes: "O Potente, o Justo, o Único, o Clemente, o Misericordioso, o Inacessível, o Eterno". Mas entre os apelativos atribuídos a Deus falta exatamente o de Pai. segundo o insuspeito Catecismo Holandês no Islam "apesar de toda riqueza religiosa, o homem é mantido prisioneiro de uma doutrina que não reconhece a Deus como Pai". pg 144. É certo que o Abbá do Novo Testamento deve ser traduzido como "pai", mas como "papaizinho" (babbino, babbucio, paparino, papino). É em suma um diminutivo com o qual se exprime o máximo de confiança afetuosa. Pg. 149. Inseridos no próprio corpo de Cristo com o batismo, nutridos pela eucaristia, nos tornamos verdadeiramente "filhinhos" daquele "papaizinho" (babbino). Não são esquemas para contemplar intelectualmente, mas realidades que nos são dadas viver de modo existencial. Pg. 151.", Vittorio Messori, Quache ragione per credere.

O engano de todos os tipos de tradicionalismo que existem no cristianismo (não só nele) é confundir uma forma política, estética e cultural de uma época, que foi absorvida num contexto cristão, como se fosse o próprio cristianismo nos seus fundamentos. Os seus fundamentos de fato existem e são objetivos, mas são outros.

O cristianismo (não só) afirma que a liberdade é algo comum a todos com fundamento externo a cada um, individual ou coletivamente. Afirmar a exterioridade do fundamento significa afirmar justamente a liberdade do outro, que não depende de mim nem do meu grupo. A liberdade tem o seu fundamento na natureza humana, criada por Outro. A modernidade, por sua vez, que a liberdade está no indivíduo, e assim é passível de ser alienada pela coletividade (consenso) que legitima a individualidade.

É interessante notar que de um modo geral as doutrinas atéias, principalmente totalitárias (quase todas o são, mais ou menos disfarçadas), procuram oferecer um sucedâneo desse pacote, como o marxismo ou a revolução francesa, com seu próprio “clero”, “liturgia”, “doutrina”, “catecismos” etc.

De qualquer maneira, o cristianismo deve muito ao classicismo, graças ao período helenístico quando a doutrina cristã foi “fixada” em chave grega pela patrística e pelos concílios dessa época⁶⁶.

O encontro do classicismo com o cristianismo se dá também em âmbitos que vão além da filosofia:

Artes: Renascimento. Pietà. S. Pedro. Capela Sistina. Todo o conjunto Vaticano é notável nesse sentido. Florença, Sta. Maria del Fiore (Brunelleschi). Rafael, Leonardo Da Vinci etc.

O barroco, por exemplo, tem uma forte influência clássica, basta ver as colunas e pórticos das nossas igrejas em Minas e no nordeste⁶⁷.

Literatura: algumas obras primas das línguas neolatinas são uma síntese entre classicismo e cristianismo: Divina Comédia e os Lusíadas, por exemplo. De Beata Virgine do Anchieta. Teatro e poesia do “Siglo de Oro Español”, como Calderón de La Barca.

Na prática, hoje, o debate entre o classicismo e a assim dita modernidade se dá, na maior parte dos casos, entre filósofos cristãos e iluministas, em geral ateus ou agnósticos. As razões desta disjuntiva já foram apontadas

⁶⁶ É interessante notar que uma das críticas da modernidade ao cristianismo é a acusação de que a religião é um sucedâneo a uma impotência da racionalidade, que buscaria explicações de tipo mítico. Basta ver o esforço intelectual imenso levado a cabo pelo cristianismo para entender explicitar o conteúdo da Revelação, vasto e intrincado. Nada mais oposto à falta de racionalidade.

⁶⁷ Não apenas. A catedral de Campinas-SP é um célebre exemplo de fusão entre barroco e classicismo.

anteriormente, graças ao fracasso moral do projeto moderno de inspiração cristã de Kant⁶⁸.

Entretanto, apesar desse fracasso fático da moral iluminista, a maior parte das pessoas continua com fé inquebrantável acreditando nesse projeto. A mais forte oposição ou alternativa de peso social a este projeto é o classicismo⁶⁹, ou o humanismo cristão⁷⁰.

Evidentemente, esta oposição não se dá no campo científico (a menos de mal entendidos com a ciência no âmbito protestante), e sim no campo moral, individual ou social.

Por outro lado, poderíamos também falar de 3 projetos distintos: Iluminista, pós-moderno e clássico. De modo algum, esses três projetos são linearmente independentes, ou ortogonais. O pós-moderno é uma herança da modernidade, trazendo consigo grande parte dos seus valores⁷¹. E pode-se falar ainda de um legítimo iluminismo cristão, que sempre defendeu a racionalidade, ainda que num contexto mais amplo⁷².

Não estamos fazendo uma filosofia especificamente cristã, mas que intelectualmente está na base da filosofia cristã. Em outras palavras, não faremos uma filosofia cristã, mas que é estruturalmente compatível com o cristianismo. Isso não significa impor o cristianismo a ninguém, mas sim propor um ângulo de análise da realidade diferente do dominante hoje na nossa cultura. E uma base de diálogo que procura, antes de mais nada, a objetividade essencial do ser, sem a qual só resta o embate de opiniões.

Eu, pessoalmente, sou cristão, católico. No mais, um engenheiro cético. Não é possível prescindir disso na hora de fazer filosofia, mas nem de longe estamos aqui para fazer apologia do cristianismo, ou do catolicismo. Não é esse o nosso objetivo.

Partimos realmente de uma autonomia de âmbitos e principalmente de FONTES com relação à religião e mais propriamente à teologia. Uma reflexão de tipo teológico teria outras fontes, com outros métodos para chegar em outros lugares... Algumas citações, especialmente de João Paulo II e de Bento XVI são auxiliares para a reflexão filosófica, dada a autoridade moral e

⁶⁸ O cisma do século XXI, debate entre JÜRGEN HABERMAS JOSEPH RATZINGER, FOLHA DE SÃO PAULO (CADERNO MAIS, 24 DE ABRIL DE 2005); neste debate, com grande abertura e honestidade de parte a parte, fica evidenciada a disjuntiva e ao mesmo tempo pontos de contato entre as duas concepções.

⁷⁰ Existem correntes no humanismo cristão que se afastam da filosofia clássica sem se afastarem do cristianismo, como Emmanuel Mounier, Julian Marías, Edith Stein Max Scheller, Gilberto de Mello Kujawski, João Camilo de Oliveira Torres Pascal, Kierkegaard, Duns Scotto, S. Boaventura (e a escola franciscana em geral) e o próprio papa João Paulo II, de certa forma.

⁷¹ (...) persona informada, que había pasado del culto «moderno» a la Ciencia a la conciencia «posmoderna» de que científico no puede ser sinónimo de sacerdote de una nueva fe totalitaria. Bento XVI, Discurso de Abertura do 5º CELAM, Aparecida, 2007.

⁷² Ver por exemplo o discurso de de Bento XVI em Ratisbona em 11-10-2006.

intelectual desses autores, mesmo enquanto filósofos, sem entrar no mérito da autoridade “papal”.

É interessante notar que hoje praticamente todos os defensores do classicismo são cristãos, católicos ou protestantes⁷³. Por outro lado, o único representante do classicismo que fala para as massas é o papa⁷⁴, seja Wojtyla ou Ratzinger, e a Igreja Católica com a sua capilaridade social. Entre ambos papas, existe uma continuidade tão grande que é difícil distinguir um do outro.

Curiosamente (ou não) João Paulo II e Bento 16 conhecia/ conhece muito bem a filosofia moderna, até pela influência germânica. Além disso, conhecem na pele as conseqüências da modernidade: estiveram no front da 2ª Guerra, enfrentaram o nazismo e comunismo etc.

Não pretendemos fazer propriamente uma antropologia cristã. Se permitem uma observação sobre essa questão, eu diria que a antropologia cristã é algo por princípio muito elevado, já que toma por paradigma, por causa exemplar de todo o seu desenvolvimento um homem que por acaso é Deus, Jesus Cristo. O negócio é lá em cima.

Mas para estudar isso, precisaríamos tomar outro caminho, o teológico, cujo ponto de partida é a chamada cristologia. Isso está fora do nosso escopo.

Mas, inevitavelmente, nos depararemos com pontos de contato com o cristianismo, até por que a nossa reflexão terá um forte componente cultural, e a nossa cultura ocidental tem como uma de suas bases o cristianismo, ou a religião judaico-cristã, junto com a filosofia grega e o direito romano⁷⁵.

Sem esses elementos (incluindo o cristianismo), simplesmente não dá para entender o mundo ocidental. Polêmica da menção ao cristianismo na constituição européia. Chirac jantando com o núncio, mudou de assunto etc.

Laicismo e ideologias

Nesse sentido, não pretendemos aceitar passivamente imposições de tipo politicamente corretas que querem excluir a priori o fenômeno religioso do

⁷³ Entre os expoentes contemporâneos do classicismo (ou algo próximo disso), nem todos são cristãos, como Ortega y Gasset, Unamuno, Jose Guilherme Merquior, por exemplo. Alguns são de origem protestante, como C.S. Lewis e T.S. Eliot e os integrantes do “Movimento de Oxford” (anglo-católicos, no caso). Porém, a maior parte dos filósofos de orientação clássica contemporâneos são católicos, como: Abbà, Rhonheimer, Maritain, Joseph Pieper, Christopher Dawson, Gilson, Elisabeth Anscombe, Jolivet, Leonardo Polo, Newmann, Andrés Ollero, Cornélio Fabro, Robert Spaemann Giovanni Reali, Anonio Livi, MacIntyre, Corção, Alceu Amoroso Lima,, etc.

⁷⁴ Ao mesmo tempo, infelizmente, não mais se ensina cultura clássica nas escolas no Brasil, como se fazia até meados dos anos 60 e ainda se faz em países como a Itália e a Alemanha.

⁷⁵ A filosofia clássica é suficiente para uma parte considerável da reflexão feita pela teologia moral católica, especialmente no que diz respeito às virtudes cristãs, sem confundir porém a ética com a teologia moral. Entretanto, a maior parte da argumentação no campo da moral sexual é feita a partir de uma filosofia personalista, como por exemplo a encíclica *Evangelium Vitae* de João Paulo II.

âmbito do homem e principalmente da sociedade humana, o chamado **laicismo**. De querer excluir da vida pública e dos debates públicos o problema religioso, deixando a religião restrita a uma espécie de gueto⁷⁶, como faziam com os judeus. Isso é uma atitude de tipo ideológico, e tende a ser profundamente desumana⁷⁷.

Imagino que o grande personagem destes últimos tempos a reafirmar a posição que Deus/religião/cristianismo/Igreja tem no mundo foi João Paulo II. Ninguém que eu conheça nesses últimos tempos incorporou esse papel de maneira tão marcante.

O que percebemos, e isso é muito grave, é a cisão entre a prática religiosa e a cultura, que se tornam completamente autônomas: o religioso, desprovido de cultura torna-se um crédulo manipulável. E o culto, sem religião, torna-se um amoral.

"Pensamento e prática religiosa, filosofia e arte, todos tendem a tornar-se áreas isoladas, cultivadas por grupos sem qualquer comunicação entre si. A sensibilidade artística se empobrece, com seu divórcio da sensibilidade religiosa, a religiosa com sua separação da artística; e o resquício de maneiras pode ser deixado a uns poucos sobreviventes de uma classe em desaparecimento que, com a sensibilidade não-treinada pela religião ou pela arte e as mentes não-providas do material para sua conversão engenhosa, não terá contextura em suas vidas para dar valor a seu comportamento. E a deterioração dos níveis mais altos é matéria de interesse, não só para o grupo que é afetado visivelmente, mas também para todo o povo."

T.S. Eliot, Notas para uma definição de cultura, pg. 39

No fundo deste problema está uma metafísica materialista. O materialista corre sempre um sério risco, ao qual ele geralmente sucumbe, ainda que de diferentes modos: tendência a absolutizar o relativo. E aí fica difícil de conversar, por que esse aspecto relativo, parcial da realidade passa a ser a verdade suprema do cosmos: ideologia⁷⁸. Todos os sistemas totalitários da

⁷⁶ "Pueblo irreligioso, es decir, pueblo en que los problemas religiosos no interesan a casi nadie —sea cual fuere la solución que se les dé—, es pueblo de embusteros y exhibicionistas, donde lo que importa no es ser, sino parecer ser. He aquí cómo entiendo lo de la verdad en la vida y la vida en la verdad." Miguel de Unamuno, *Mi religión y otros ensayos*, 1910.

⁷⁷ "A ajuda do ocidente para o desenvolvimento com base em princípios puramente técnicos e materiais - que não só deixa Deus de fora, mas também força o homem a dEle se afastar com orgulho do seu saber fazer melhor - foi precisamente o tipo de ajuda que criou o Terceiro Mundo no sentido que hoje se entende. Esta "ajuda" empurrou para o lado as estruturas religiosas, morais e sociais e instaurou no vazio a sua mentalidade tecnológica. Ele julgava poder transformar pedra em pão, mas gerou pedras em vez de pão." Pg. 45, Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, Ed. Planeta, 2007

⁷⁸ A ploriferação das ideologias constitui um dos males de nosso tempo. Como a propaganda está se tornando, de maneira cada vez mais acentuada, a rainha do século XX, como o homem comum mal tem tempo de ler um jornal cheio de manchetes berrantes e de assistir a um programa de televisão, pouca gente dispondo de lazeres para ler verdadeiros tratados, como, também, as decisões nascem do concurso de multidões colossais, quase sempre compostas de pessoas que não podem fundar as suas opiniões em princípios logicamente estabelecidos, o resultado é que nos deixamos levar por simplificações ideológicas de todos os tipos, em lugar de raciocinar com base e consistência.

Nestas condições tornou-se um verdadeiro dever de quem escreve ou ensina colaborar para a formação de doutrinas bem fundadas, estabelecendo corpos doutrinários rigorosamente constituídos e metodicamente articulados, a fim de que se possa ter uma orientação segura. Importa, não há dúvida, demonstrar as

história tiveram uma gênese desse tipo, quando o Estado passa ser o único absoluto, legitimado ou não pela democracia.

A ideologia está para a filosofia assim como o orc está para o Elfo, usando uma terminologia da Terra Média... É uma filosofia que deu errado, é um bolo que queimou⁷⁹.

Para o ideólogo, a verdade é algo resplandecente, evidente, como é Alá para o Muçulmano. É o sol do deserto. Não se compreende que alguém não concorde com ele. Quer ser “coerente⁸⁰”, e por isso parte para a porrada, por que quer consertar o mundo. Perigosíssimo. O que nós precisamos fazer, antes de tudo, é concertar-nos a nós mesmos, e ajudar as pessoas e as instituições que estão ao nosso redor. Mas querer salvar o mundo é um perigo, fugir.

De qualquer maneira, para fazer filosofia é importante libertar-se de preconceitos e maneiras de pensar às quais estamos muito apegados, senão nos fechamos às reflexões alheias. Fato especialmente triste quando os outros no caso são muito mais inteligentes do que nós: Aristóteles, Platão etc.

E principalmente libertar-se do preconceito do pragmatismo: pó meu, para que serve essa coisa? Liberdade para filosofar, sem que isso “sirva” imediatamente para nada!

ideologias; mas, como são muitas, como se sucedem rapidamente, como em geral possuem base sentimental e afetiva, irracional mesmo, não é simples coisa destruí-las e, muitas vezes, chega-se tarde na demonstração. Em certos casos, a consistência racional da ideologia é praticamente nula, e cairemos na mesma situação de quem procura provar a superioridade essencial de um quadro de futebol sobre o outro: não a de uma equipe atual, composta de melhores jogadores, mas justificar as razões pelas quais um clube deve ser preferido a outro....

João Camilo de Oliveira Torres, *Interpretação da Realidade Brasileira*, pg 6, 1969, Livraria José Olympio Ed.

⁷⁹ “Para Voltaire é outra coisa, ser indivíduo é contestar uma série de coisas, é ser revolucionário, é estar diante do Estado. É se servir da realidade e não servir a realidade.

A posição contrária à atenção ao real é a posição ideológica. Hoje parece ser a época do fim das ideologias, da crise desta forma de pensamento. O senhor concorda com isso? Parece que acabaram as ideologias, mas na vida do cotidiano se vê quanto ainda somos dominados por um pensamento ideológico que não nos permite olhar para a realidade.

Não acredito que a “dama idéia” passe de moda, nem desista. Que fique bem claro que isto de que estou falando não é uma “coisa”. É algo constitutivo do ser humano. O que entrou em crise foi o modo como a ideologia se apresenta, mas a “dama idéia” não larga o osso. Porque o contrário dela é a liberdade, e a outra coisa que a época moderna não aceita é a liberdade.” Entrevista com Bruno Tolentino, por Vando Valentini.

⁸⁰ “Da nossa humanidade faz parte (e pelo risco, por sorte) uma dose - grande ou pequena mas ineliminável - de incoerência. Aqueles que querem eliminá-la não são os santos, sempre prontos a entender e a perdoar, por que sabem onde levam no fundo as conseqüências do pecado e quais são os limites do humano. São, ao contrário, os doutrinários e ideólogos pós-cristãos que obscura e ferozmente, se preocupam em tirar todas as conclusões de uma premissa. Se me encontro bem no catolicismo é por que soube ser rígido nos princípios e tolerante na prática. Exigente no púlpito e tolerante no confessionalário. Pg. 153... Se fôssemos um pouco coerentes, o que devemos temer, crendo num Deus que ainda por cima é um menino? Se entende por que no Pai Nosso somos exortados a dizer: "Seja feita a tua vontade". Mas porque, como diz Dante naquele paraíso onde tudo é agora claro, "la Sua vontade è nostra pace". Pg. 154, Vittorio Messori, *Quache ragione per credere*.

Riscos do classicismo

O principal risco da filosofia clássica é o tradicionalismo.

O ideólogo tem a sua utopia projetada no futuro. O tradicionalista é o que a transfere para o passado. "Antigamente é que era bom!"⁸¹

Ou mesmo achar que a só a cultura clássica greco-romana-judaico-cristã culta é que tem valor. Não se trata disso, já que muitos elementos de outras culturas: oriental, indígena, a própria modernidade, possuem elementos bastante interessantes⁸².

Caso narrado por Mario Ferreira dos Santos em uma aula, com relação à reforma pombalina e proscricção de vários filósofos jesuítas da univ. de Coimbra. Grande perda.

Ao mesmo tempo que a univ. de Coimbra estava realmente atrasada nas ciências experimentais, especialmente na medicina. Devido em parte aos "excessos" no uso do método dedutivo.

Problema da mentalidade bacharelesca, que grassa no Brasil e na AL pela nossa formação ibérica: pouco amor ao trabalho produtivo⁸³. É o que poderíamos chamar de um excessivo intelectualismo, que acaba complicando coisas que são simples.

Outras considerações

Outra observação, óbvia, que não custa nada falar: quando falamos "filosofia do homem" estamos falando ser humano, homem ou mulher. O termo "filosofia do homem" é um termo clássico em filosofia. Poderíamos chamar de "antropologia filosófica", mas *anthropos* é homem do mesmo jeito... De um modo geral, não vamos ficar muito preocupados com escrúpulos politicamente corretos deste tipo... Outro problema são as maneiras específicas de funcionar do homem e da mulher, o que não é um problema trivial, mas que vamos procurar falar um pouco, na medida do possível.

⁸¹ Las estructuras justas jamás serán completas de modo definitivo; por la constante evolución de la historia, han de ser siempre renovadas y actualizadas; han de estar animadas siempre por un "ethos" político y humano, por cuya presencia y eficiencia se ha de trabajar siempre., Bento XVI, Discurso de Abertura do 5º CELAM, Aparecida, 2007.

⁸² A "qualidade" de uma obra está relacionada, em certa medida, ao princípio citado por Eugenio Corti de "cantar o universal no particular", mais do que o meio cultural específico em que a obra foi concebida. Este é um tema controverso, que envolve grandes expoentes do classicismo, como o poeta brasileiro Bruno Tolentino, que não gostava de Guimarães Rosa (comunicação pessoal) e T.S. Eliot, nas suas "Notas para uma definição de cultura", Ed. Perspectiva,.

⁸³ Ver por exemplo Vianna Moog, *Bandeirantes e Pioneiros*, ou Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*.